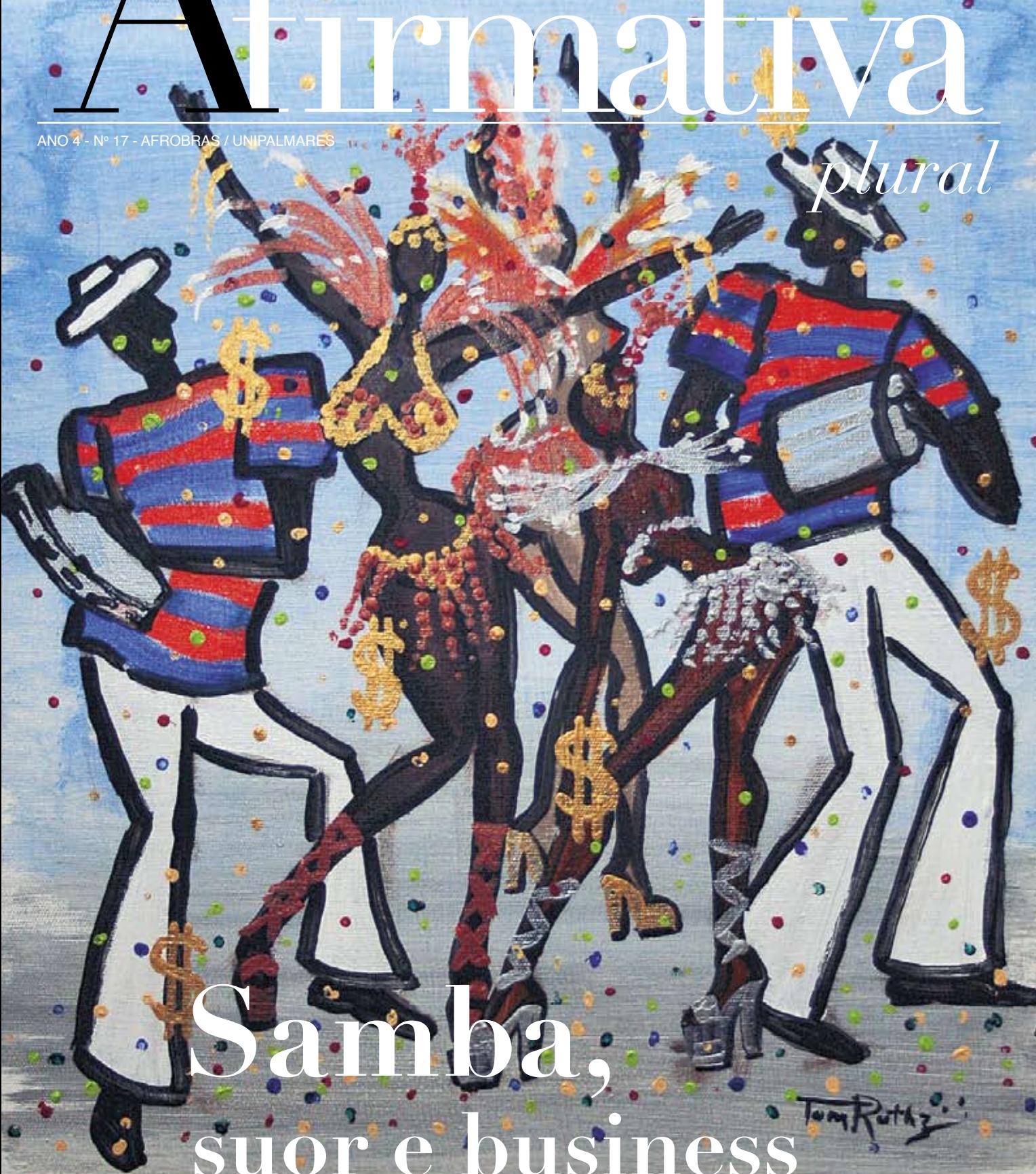


Afirmativa

ANO 4 - Nº 17 - AFROBRAS / UNIPALMARES

plural



Samba,
suor e business



**Para crescer, seu décimo terceiro precisa de um personal trainer:
um gerente do Unibanco.**

Invista seu décimo terceiro na academia do Unibanco. Aqui a gente coloca seu dinheiro para se mexer, até ele crescer e ficar parecendo mais um décimo quarto, um décimo quinto. Você já pode começar dando um exemplo: corra até uma agência Unibanco e invista o décimo terceiro. Mesmo que você ainda não seja cliente, venha conversar com um dos nossos personal trainers.



UNIBANCO
Nem parece banco.

Entrevista Especial

Humberto Dantas 6

Comunicação

Negros na Mídia 12

Negros em Foco 15

Artigo Silvana Destro 18

Cidadania

Artigo Luiz D'Urso 20

Maria Ceiça 22

Cultura

Artigo Silvana Barbaric 24

Artigo Maurício Pestana 26

Agenda Cultural 28

Na Zumbi

Vestibular 2007 30

Artigo Luiz C. Stolfe

Antônio C. Matos 32

Artigo Waldomiro Guimarães Filho 36

Artigo Ivanilce S. Oliveira 40

Educação

Números no Brasil 42

Artigo Gisela Wajskop 46

Afrobras realiza sonhos 48

Opinião

Artigo Rosenildo Ferreira 50

Comportamento

Artigo Maria Célia Malaquias 52

Mercado de Trabalho

Artigo Washington Grimas 53

Livro Trabalho Comigo 56

Mapa da diversidade nos bancos 57

Alunos da Unipalmares no mercado de trabalho 58

Responsabilidade Social

Instituto Gerdau 60

Artigo Ivan Zurita 62

Capa

Carnaval 65

Artigo Maria Apparecida Urbano 76

Perfil

Seu Nenê 78

Economia

Artigo Gesner Oliveira 80

Artigo Paulo Skaff 82

Artigo Abram Szajman 84

Empreendedorismo

Histórias de quem venceu 86

Plural

Artigo José de Paiva Netto 88

Artigo Rubens Barbosa 90

Palavra do Presidente

É preciso cantar 92

Índice



Da esquerda para a direita: Daniela Beilich, Demetrius Trindade, Zulmira Felício, Douglas da Silva Souza e Francisca Rodrigues.

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade Zumbi dos Palmares - Centro de Documentação, com periodicidade bimestral. Ano 4, Número 17 - Rua Washington Luiz, 236 - 3º andar - Luz - São Paulo /SP - Brasil - CEP 01033-010 - Tel. (55 11) 3228-1824.

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e Executiva: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) - Tel. (11) 3229-9554.

Editora: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com - Mtb.11.316); **Redação:** Daniela Beilich (danielab@afrobras.org.br - Demetrius Trindade (demetrius@afrobras.org.br - Mtb.30.177); Douglas da Silva Souza (estagiário Web); **Fotografia:** J.C.Santos, Cíntia Sanchez, divulgação; fotos Carnaval cedidas pela Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo. **Colaborador:** Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Maurício Pestana (pestana@mauriciopestana.com.br) e Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinhoiro.com.br). **Capa:** Tom Ruthz

Editoração eletrônica, CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras/Unipalmares. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

Samba, suor e alegria!

O ano de 2007, como já é tradição no Brasil, começa praticamente neste final de fevereiro, quando termina o Carnaval, a maior manifestação cultural do País. Samba, brilho, plumas, carros esplendorosos, luxo, tornam esta festa a mais democrática do mundo, onde ricos e pobres, brancos e negros, povos de todas as etnias se irmanam para defender as cores da sua escola, liberar a alegria, soltar o grito da garganta e esquecer, por três dias, todos os problemas.

Talvez o reverendo Martin Luther King, Jr. não tenha chegado a conhecer o Carnaval brasileiro, pois com certeza, ele acharia que havia chegado o dia em que as palavras do seu mais famoso discurso se reali-

no fim do túnel. A Unipalmares forma no final deste ano sua primeira turma de universitários no curso de Administração. Serão quase 200 jovens, a maioria negros, que farão a diferença, pois, nunca houve no Brasil uma turma de formandos em igual quantidade com a “pele escura”, pois é somente isso o que os distingue de outras turmas. No mais são iguais aos demais formandos de todo o país, são jovens esforçados, trabalhadores, que levantam cedo e vão dormir tarde para, no outro dia, levantar cedo e dormir tarde....

Mas esses jovens formandos da Unipalmares por mais comuns que sejam, estão fazendo a diferença para uma comunidade, uma cidade, quiçá uma na-

zavam: “Eu tenho um sonho...de que um dia viverão numa nação onde eles não serão julgados pela cor da sua pele, mas pela essência do seu caráter. Onde todos então, independente da raça, sexo ou religião se darem as mãos e, em júbilo, repetiriam as palavras de um velho spiritual negro; “Finalmente livres! Enfim livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, finalmente estamos livres! (1963).

Mas no Brasil, infelizmente, passado o Carnaval, a cor da pele volta a fazer a diferença. Os negros são os mais pobres, a maioria dos desempregados, ganham menos, têm menos escolaridade e, por isso, têm os piores postos e, por isso, ganham menos, ou seja, é o círculo vicioso.

Mas no limiar de 2007 apesar dessa situação permanecer, já há uma luz

ção. Estão formando uma elite negra, com excelente formação acadêmica e profissional – graças às parcerias realizadas entre a Unipalmares e empresas que resolveram fazer a diferença, fazer a tão propalada responsabilidade social sair dos balanços e ir ao encontro da sociedade.

Neste 2007, os desafios serão maiores para nossa família Unipalmares, mas com certeza, serão vencidos com a ajuda dos parceiros, negros de todas as cores, que farão parte desta primeira turma de formandos que constará nos livros de História do Brasil num futuro próximo.

Bom Carnaval!

Feliz 2007!

Francisca Rodrigues

Editora Executiva

editorial



*Saldos/Últimos Lançamentos – Wap 1.0 e 2.0, Demais transações – Wap 2.0.
**Operadoras credenciadas: Vivo, TIM, Claro, Oi, Telemig/Amazônia Celular, Brasil Telecom, Nextel e CTBC.

Bradesco completo

Bradesco Celular. Porque um Banco completo tem que estar onde você estiver.

O Bradesco, o primeiro a colocar o Banco no seu celular, apresenta o serviço totalmente renovado, com mais transações bancárias* e com a proteção que só a Chave de Segurança Bradesco traz para você. Acesse a opção **Bancos** na página de serviços Wap da sua Operadora** ou digite o endereço (URL) <http://wap.bradesco.com.br> no seu celular. Se você ainda não é cliente vá até uma de nossas Agências e abra sua conta. Bradesco Celular: comodidade, facilidade e segurança que só um Banco completo pode oferecer.



Bradesco

Brasil: líder político da América Latina

*Por: Zulmira Felício
Da Redação*

Os discursos radicais de alguns presidentes podem transformar a América Latina numa zona de conflitos. O Brasil ainda ocupa posição privilegiada mesmo diante de diagnósticos políticos não tão favoráveis.

“Nosso problema é moral, falta ética. A tão sonhada reforma política passa por uma reforma radical no sistema educacional”, diz Humberto Dantas, Cientista Político, Professor e Coordenador no Centro Universitário São Camilo e Conselheiro do Movimento Voto Consciente.

Afirmativa – *Qual o seu diagnóstico sobre o futuro do presidente da República e do atual momento político que estamos vivendo?*

Humberto Dantas - Diagnósticos são sempre muito complicados, pois nos cobram no futuro por algo que dissemos sem as ferramentas da história.

Mas entendo que alguns indicadores são importantes para ilustrar o que podemos esperar do Brasil em termos políticos para o mandato 2007-2010. O Presidente está tentando montar uma base de partidos aliados que lhe dê sustentação em reformas e projetos ousados, repetindo rigorosamente os parceiros dos escândalos. Inclusive as mesmas pessoas. Além disso, não toca em questões fundamentais para o funcionamento do País. Carecemos de uma reforma administrativa que altere a relação do servidor público com o setor que o emprega. Precisamos alterar a Previdência de forma definitiva. É urgente uma ação que diminua a carga tributária e, ao mesmo tempo, torne o Estado mais presente e capaz de cumprir seu papel legal. O crescimento e o desenvolvimento são aspectos emergenciais. O Judiciário precisa funcionar com mais transparência, refletir melhor

a sociedade e atender nossas demandas. A tão sonhada reforma política passa por uma reforma radical no sistema educacional.

Afirmativa – *Então, o que esperar do novo mandato do presidente Lula?*

Humberto Dantas - Pouca coisa. Precisamos de um choque cultural radical. Não basta um conjunto de medidas. As eleições para a Presidência da Câmara já demonstram como estamos distantes de tudo o que precisamos. As promessas e discursos se apóiam no bem estar dos parlamentares, porque a nação já fez sua parte: elegeu os 513 “privilegiados” que discutem um país fantasioso. Nosso problema é moral, falta ÉTICA. E nesse caso entendo como pequena a colaboração do próximo governo. Espero que eu esteja errado.

Afirmativa - *Conquistas responsáveis pela participação do negro nas esferas go-*

vernamentais foram perdidas. Exemplos: Dr. Hélio Silva que deixou a Secretaria de Estado de Justiça e da Defesa da Cidadania e Eunice Prudente (ex-secretária também da mesma pasta). Isso não é um retrocesso para os afro-descendentes brasileiros?

Humberto Dantas - A grande luta não deve se concentrar nesse ponto. O orgulho da raça não pode ser depositado em poucas figuras que quando surgem parecem destoar no cenário. Esse “surgimento” precisa soar como algo absolutamente natural. Quando isso ocorrer perceberemos o quanto as diferenças diminuíram. Mas, por enquanto vivemos no quadro das “surpresas”: um negro entre os 11 ministros do STF; um negro na prefeitura da maior cidade da América Latina...

Gostaria de comemorar o fim de todas as distinções em termos estatísticos que apontam sempre o negro em pior situação em relação ao branco nesse País. Mais pobre, com menos escolaridade, vivendo menos, vítima de mais crimes etc. As pesquisas que envolvem raça do PNUD, do NEV-USP, do IBGE e tantas outras entidades apontam para realidades absurdas. E aqui estamos novamente diante de questões culturais, educacionais e, claro, sócio-econômicas. Esse é o ponto a ser combatido. A questão da raça não pode ser utilizada como variável explicativa para diferenças sociais. Isso é vergonhoso, se repete em muitos países do mundo, mas nada justifica esse absurdo.

Afirmativa - *E o que dizer das eleições no âmbito estadual, perdemos dois deputados estaduais Nivaldo Santana e Tião-zinho? Será verdade: “negro não vota em negro”?*



Humberto Dantas

Humberto Dantas - Precisamos fazer uma reflexão. Negro pede voto para negro dizendo: negro vota em negro? Negro se sente mobilizado quando esse tipo de mensagem aparece? O que um negro “sozinho” pode fazer no parlamento? Devemos lembrar que os negros não vivem numa redoma dentro da sociedade que os separa de brancos e amarelos. Negro é funcionário público, morador da zona leste, evangélico etc. Um candidato diz: “negro vota em negro”. O outro diz: “cristão vota em cristão”.

Não sei o quanto os negros perderam

com a saída dos deputados e o quanto podem ganhar com movimentos fortalecidos. Investir em um representante cria um grau de dependência que não condiz com o fato de todos serem representados. Idéias bem organizadas transformam seus desejos em voto e reconhecimento de qualquer político que trabalhe honestamente por uma causa. A coisa é bem complexa, mas acredito que os negros perderão quando seus movimentos deixarem de ter adeptos que fazem o trabalho de formiga, e não os deputados e vereadores.

Afirmativa - *O que dizer de entidades criadas com o objetivo de diminuir a distância dos negros do mercado de trabalho, e mais especificamente, do acesso à Educação?*

Humberto Dantas - Toda demanda social que se faz entender como algo relevante deve ser levada a sério. O respeito pela capacidade de a população se reunir e reivindicar suas necessidades é sinônimo de democracia e cidadania. As conquistas representam a capacidade de a sociedade reconhecer os apelos, e do grupo se articular. Algo chama mais atenção na Afrobras: a percepção acerca da educação. Não existe democracia sem educação – isso é filosofia política do século V a.C. até hoje. A consolidação do grupo é sinônimo de muita competência, sobretudo da missão universal que prega o fim da desigualdade por meio da educação e do conhecimento.

Afirmativa – *E quanto à Lei de Cotas, qual a sua opinião?*

Humberto Dantas - Não é uma questão de ser contra ou a favor. É uma questão de olharmos para a história e para os números. Não existe estatística social que coloque os negros em uma situação superior aos brancos e amarelos. O fim da escravidão não foi tratado da mesma maneira que outras passagens preocupantes como os presos políticos da ditadura. Toda criança, desde a década de 80, aprende que o regime militar foi ruim para o País nas aulas de história. Entretanto, levamos mais de 100 anos para reconhecer que a história do negro não pode ser contada a partir da assinatura de um documento por parte de uma princesa branca. A história da África, sua cultura, seu modo de viver e

existir é parte da cultura e do jeito brasileiro de ser. Ao negro é reservada uma parcela muito pequena na economia, no mercado de consumo, nas questões sociais e na prateleira da história. Essas questões justificariam a política de cotas. Desde que muito bem estabelecidas e atentando para o nível do ensino. Acolher é diferente de diferenciar. Da porta para dentro da universidade não podem existir quaisquer diferenciações e privilégios. Esse tipo de política é muito delicado, mas viável.

Infelizmente as cotas também produzem um problema. O branco pobre também se sente afastado. E movimentos racistas surgem exatamente nas periferias de países que muitas vezes tentaram separar as raças. Talvez seja interessante criar uma política de cotas pautada em condições econômicas. No Centro Universitário São Camilo criamos em 2005 o vestibular social e oferecemos mais de 1000 bolsas para pessoas de renda baixa. O ambiente da faculdade ficou muito interessante. Não existe SIM ou NÃO, a questão é complexa como: o nível do ensino público, o mercado de trabalho, o trabalho infantil, o controle familiar e o acesso ao ensino público superior, que poderia ser cobrado ou trocado por trabalho comunitário - mas isso é muito polêmico...

Afirmativa - *As ações afirmativas ainda têm um longo caminho a percorrer, como encurtar essa distância?*

Humberto Dantas - As verdadeiras “ações afirmativas” devem partir do Estado. Fui durante alguns anos consultor da Fersol Indústria e Comércio que investiu pesado na contratação e valorização de mulheres negras. Acho tudo muito interessante, mas quando encon-

trar negros na presidência de empresas ou disputando igualmente posições no mercado de trabalho, tal questão deixa de ser sinônimo de responsabilidade social e número em balanço social. A Afrobras sonha em fechar suas portas dizendo: “acho que agora podemos dormir em paz”. Ou quem sabe investir apenas em questões culturais, uma vez que as grandes bandeiras sociais estarão sendo garantidas pelo Estado. Esse é meu sonho como conselheiro do “Movimento Voto Consciente”.

Afirmativa - *Em que circunstância analisa a América Latina de hoje?*

Humberto Dantas – A América Latina se transformou num enorme balão de discursos desencontrados e posições que pouco se concentram no efetivo desenvolvimento das sociedades. As questões econômicas dominam os discursos e repetem às avessas os interesses dos países mais desenvolvidos. O mal está sendo combatido com o próprio veneno. Sob a desculpa de dar vez aos pobres, governos como do presidente Evo Morales (Bolívia) e o Hugo Chávez (Venezuela) estão aprofundando as questões educacionais, porém pouco investem. A AL precisa investir em educação como fez o Chile, que talvez seja o verdadeiro exemplo de país que se conscientizou de suas necessidades no continente. Diferencial: o povo é mais consciente. A Argentina merece destaque por seu crescimento, mas as condições econômicas do país são preocupantes em virtude da inflação que parece ameaçar. Não duvido se a AL se transformar numa zona de conflitos baseados em discursos radicais. Mas, sem dúvida alguma, por mais que mereça crítica, o Brasil ainda é o grande líder do continente. ■

PÓS-GRADUAÇÃO

O diferencial que sua profissão merece

Faça a sua
pós-graduação
com os melhores
professores,



em modernas
instalações
e avançados
laboratórios,
nos campi Paraíso
e Indianópolis.

Campus Paraíso
Rua Vergueiro, 1.211 – Paraíso

Campus Indianópolis
Rua Dr. Bacelar, 1.212 – Indianópolis

• **ADMINISTRAÇÃO** • Administração Avançada de Empresas e Negócios • Administração Avançada de *Marketing*: Análise, Planejamento e Controle • Administração de Recursos Humanos • Administração Geral • Administração Hospitalar • Gestão de Negócios em Turismo e Hospitalidade • Gestão de Negócios – Foco na qualidade • Gestão de Organização do 3º Setor • Gestão de Projetos • Logística Integrada e Operações • *Marketing* • *Marketing de Serviços* • *Marketing Internacional* • Negócios Internacionais e Comércio Exterior
• **ARQUITETURA** • Arquitetura e Paisagem • **COMUNICAÇÃO** • Comunicação e Mídia • **DIREITO** • Direito de Seguro • Direito do Trabalho • Direito Penal • Direito Processual • Direito Tributário • **EDUCAÇÃO** • Educação Matemática • Psicopedagogia na Educação • **ENFERMAGEM** • Enfermagem do Trabalho • Enfermagem em Centro Cirúrgico • Enfermagem em UTI • **ENGENHARIA E EXATAS** • Engenharia de Redes e Sistemas de Telecomunicações • Engenharia de Segurança do Trabalho • Gestão de Manutenção Produtiva • Gestão em Engenharia de Manutenção • **FINANÇAS** • Controlladoria de Empresas • Gestão Financeira • Mercado de Capitais • **FISIOTERAPIA** • Fisioterapia Cardiorrespiratória • Fisioterapia Neurológica Adulta e Pediátrica • Terapias Manuais • **INFORMÁTICA** • Projeto e Desenvolvimento de Sistemas Web • Segurança da Informação • Sistemas em *Software* Livre • Tecnologia da Informação • **LETRAS** • Língua Inglesa e Tradução • Língua Portuguesa e Literatura • **ODONTOLOGIA** • Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilo-faciais • Dentística • Endodontia • Implantodontia • Odontopediatria • Ortodontia • Periodontia • Saúde da Família
• **PSICOLOGIA** • Arte-terapia • Psicoterapia Breve Operacionalizada • **MBA – MASTER BUSINESS ADMINISTRATION** • Administração de Finanças e *Banking* • Arquivologia e Gestão Documental • Comércio Exterior – Logística Internacional • Direito Desportivo • Gestão da Tecnologia de Informação e *Internet* • Gestão Estratégica: Habilitação em Serviços • Programa Executivo em Finanças Aplicadas a Instituições do Mercado Segurador

* AGORA, dois novos cursos de pós-graduação – *Marketing* e *Formação de Professores para o Ensino Superior* –, com uso do Sistema de Ensino Presencial Interativo-SEPI. Você aprende com professor e interage também, em qualquer momento, utilizando tecnologia educacional, com o auxílio da modalidade de Educação a Distância - EAD.

UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA
Educação de qualidade

INSCRIÇÕES ABERTAS www.unip.br ♦ www.sepi.unip.br ♦ 0800 010 9000



Quem abre uma conta REAL UNIVERSITÁRIO tem mais que 800 reais de crédito e Realmaster com 10 dias sem juros: tem independência.

Um cartão de crédito cheio de promoções e benefícios.

Quatro estilos de cartão de crédito com Minicard para escolher.

Espaço com dicas de planejamento financeiro, carreira, estudos e muito mais.

Investir no universitário por uma sociedade mais consciente faz parte da nossa visão de sustentabilidade.

Acesse www.bancoreal.com.br/universitario e junte-se a nós. Abra sua conta.

Real Universitário. Para sempre, um parceirão.

REAL UNIVERSITÁRIO

INDEPENDÊNCIA É:

*Fazer da vida um toque
de música. ♫ ♫*



AFONSO FRAGO MOREIRA,
cliente Real Universitário.

Fazendo mais que o possível



BANCO REAL
ABN AMRO

Os produtos estão condicionados à inexistência de restrições cadastrais. Para o Realmaster, a partir do 11º dia serão cobrados juros por todo o período. Serão sempre devidos o IOF e a CPMF, na forma da lei. Consulte a mensalidade do seu cartão.

No Brasil não há o preconceito racial do tipo que marcou tragicamente a história dos Estados Unidos, e os desníveis sociais não são determinados pela cor da pele. Essa é a constatação de Ruy Mesquita, diretor do O Estado de São Paulo, um dos maiores e principais jornais do País, ponderando que a desigualdade tanto atinge os negros como os brancos, nivelados na pobreza, na educação precária e na falta de oportunidades.

A revista Afirmativa Plural levanta a questão: qual a participação do negro na mídia brasileira, sob os mais diversos aspectos, tanto: consumidor quanto profissional? Diretores em comunicação, publicitários, jornalistas e artistas foram entrevistados nesse primeiro momento. O tema por ser muito amplo não se esgota em uma única reportagem. Esta reportagem é apenas o ponto de partida para a discussão. Oportunamente, retomaremos ao assunto.

As opiniões em torno da questão divergem o que torna o tema bem mais interessante. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, muito embora a emissora de televisão seja uma concessão do Estado, a parcela negra da população, entre 46% e 48%, continua à margem desse meio de comunicação de massa. “Não percebo discriminação no conteúdo. O negro hoje é um sucesso na televisão em todos os sentidos. Foi-se o tempo de figurarem os personagens somente de doméstica e de motorista. Os avanços e conquistas de ONG’s e de outros grupos obtiveram a admiração por parte da sociedade pelo povo afro e sua cultura. Claro que, em alguns casos, podemos

egros na mídia

discutir o mérito de algumas aparições isoladas que podem contextualizar o negro de forma pejorativa, mas chega a ser insignificante esse tipo de conduta pelo amadurecimento da nossa sociedade”, conjuntura João Faria, jornalista e especialista em Comunicação Estratégica e Relações Públicas pela Universidade de

São Paulo - USP, Relações Públicas da agência DPZ. Historicamente, Roberto Duailibi, diretor da agência, sempre esteve voltado às causas sociais dentro da indústria da comunicação. “Julgava-se que o negro representava segmentos de baixo consumo. Hoje, se reconhece como consumidor em potencial”, acre-

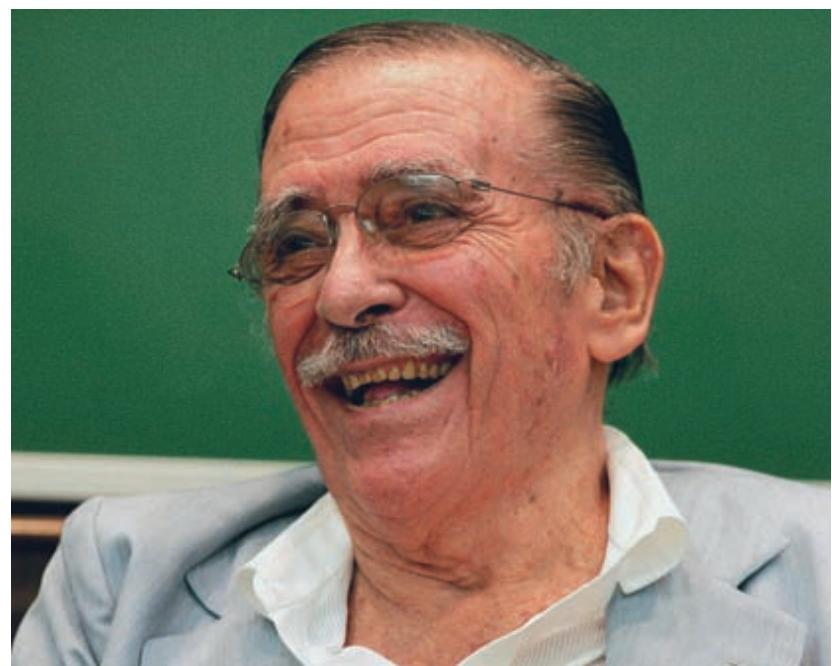


Augusto Diegues

dita Duailibi. Tal fato tem se repetido tanto na mídia impressa quanto eletrônica. Isso ocorre por vários motivos, entre eles, o próprio poder aquisitivo que permite o acesso aos diferentes produtos oferecidos no mercado. Ressalta-se que o próprio consumidor brasileiro mudou muito nos últimos anos, ele melhorou e não pretende ser ludibriado.

Realmente, a participação de afro-descendentes tem aumentado sob o ponto de vista quantitativo na mídia eletrônica, não só no campo da dramaturgia. Mundialmente conhecida como 4º poder a mídia e, em especial o segmento jornalístico, abre espaços para âncoras da televisão de descendência afro. Maria Julia Coutinho, a Maju, apresentadora do jornal da TV Cultura, ingressou na emissora como estagiária. “Nesse sentido, houve um crescimento se comparado há tempos atrás. No passado, a justificativa incidia na falta de profissionais preparados para assumir tais funções. Atualmente, tem muito jovem negro diplomado com boa formação”, fundamenta a apresentadora.

Se por um lado, o salário pago ainda é um assunto delicado, uma vez que nas mais diversas áreas, em geral, o negro recebe



Ruy Mesquita

uma quantia inferior ao de um trabalhador branco “para nós o retorno serve de incentivo. Somos referência de profissionais bem sucedidos”, reforça Maria Júlia diante dos diversos e-mails e mensagens recebidas no Orkut e no MSN.

Novos tempos

Isso tudo é uma prova de que estamos

vivendo novos tempos. Mesmo que de forma lenta. “Não sei se há o que comemorar. Essa mudança, ainda tímida e mal calculada resulta mais de pressão e da onda politicamente correta do que da consciência ou reflexão”, questiona Augusto Diegues, publicitário, diretor da Futura!dcr, agência de propaganda que apóia a Afrobras/Unipalmares.

De acordo com Diegues, a televisão parece refletir os próprios valores de seus espectadores. É como se fosse espelho das aspirações médias. Ela mostra o que queremos ver. Aquilo que fugir ao padrão é tratado como pilharia, comédia, extravagância. E isto não vale apenas para o negro que aceitou ocupar um lugar diretamente relacionado à sua condição original, no desenvolvimento do País que se sucedeu à sua libertação.

“Se ainda estamos longe da situação que levou o negro norte-americano a conquistar setores das atividades artísticas, culturais, econômicas e políticas nos Estados Unidos, é porque a comunidade negra brasileira demorou mais do que



Maria Julia Coutinho



Elisa Lucinda

a norte-americana para se organizar e ocupar os espaços a que tem direito”, diz Ruy Mesquita, do O Estado de São Paulo. E, nesse sentido, o diretor do jornal ressalta que a solução para eliminar esse fosso está na universalização da escola – não quanto ao acesso, problema praticamente resolvido, mas quanto à qualidade do ensino. “Só o ensino de alto padrão – da pré-escola à universidade, pode igualar as oportunidades”, sintetiza Mesquita.

Grande miopia

Do mesmo modo que o direito à educação e saúde, o consumo também é parte deste cidadão. “Acredito que a mídia impressa está atrasada, processando todas as mudanças de forma mais lenta e não creio que a proliferação de títulos segmentados e exclusivos para a raça negra seja a solução”, entende Diegues. Afinal, é preciso encontrar o negro também nas revistas de interesse geral, nas masculinas e femininas, nos ensaios de moda, nas discussões e temas nacionais

que não envolvam apenas o futebol, as escolas de samba e os índices assustadores de criminalidade.

Há anos, trabalhando na área de comunicação, Augusto Diegues

vê uma grande miopia a discussão do reconhecimento do potencial do negro: um fruto de marketing e da mistificação que comemora o âncora do JN como um gol. Tal fato deveria ser absolutamente natural, como também encontrar negros em posições nos mais diversos segmentos na política, nos negócios... “A ascensão social tardia que o negro teve na programação da televisão brasileira nunca foi obstáculo à sua participação ativa no desenvolvimento da dramaturgia brasileira, muito pelo contrário, foi provavelmente seu maior

impulso e motor. Do mesmo modo que no cinema e no teatro que vemos explorar todo o talento e força de artistas que só muito depois, já formados e valorizados, foram parar na televisão”, argumenta o diretor da agência Futuraldcr. Jornalista, poetisa, atriz e cantora, hoje Elisa Lucinda é exemplo de profissional bem sucedida. Na Rede Globo, a atriz interpreta a médica Selma, amiga inseparável de Helena, na novela Páginas da Vida, no horário nobre da emissora. Sua personagem já foi discriminada justamente por ser negra. Isso acontece “mesmo sendo a personagem uma mulher bonita, médica e que está por cima”, diz Elisa Lucinda. Ela se recorda de um outro médico protagonizado por um negro na novela Orfeu, com Milton Gonçalves, há muito tempo atrás. “Dá para contar nos dedos, os personagens mais relevantes. Por isso, considero que muito ainda há ser feito”, sentenciou a atriz. ■



João Faria

Novo Negros em Foco

2007

Ampliando a sua exibição, o Negros em Foco estabeleceu parceria com a Fundação José de Paiva Netto para transmissão através da Rede Mundial de Televisão, em São José dos Campos, canal 11, e pela Boa Vontade TV via satélite para todo o Brasil e Estados Unidos pela RBTI. Com essa nova parceria, o programa que tem como base o negro na sociedade, amplia seu leque com temas mais abrangentes e com gravações em São Paulo e em Brasília. O Negros em Foco passa a ter uma hora de duração (antes era de 30 minutos).

Ao longo deste percurso, o Negros em





Foco ganha cada vez mais notoriedade por ter uma equipe formada por negros desde o apresentador à direção e por ser palco de inúmeras personalidades, autoridades nacionais e internacionais, parceiras na luta contra a desigualdade racial.

Este ano de 2007, a produção promete mudanças, a começar pelo novo cenário, moderno e mais amplo, que pos-

sibilitará participações de dois ou mais convidados. A plástica também ganhará mais dinamismo, novas vinhetas, novos quadros, matérias, a participação de profissionais na área de jornalismo e política, além da dos telespectadores.

Negros em Foco é exibido pela RBI, canal 14 UHF; aos domingos às 21h30, com reprise às quartas-feiras, no mesmo

horário e pela Boa Vontade TV aos sábados, 21h00, com reprise aos domingos no mesmo horário. ■



Negros em Foco, nova
temporada. Mais tempo,
mais espaço, muitas
novidades.

Entrevistas, política,
saúde, emprego e todos os
assuntos que fazem parte das
nossas vidas. A comunidade
afrodescendente em foco.

Rede Brasileira de Integração
RBI – TV Mix, canal 14 UHF

Domingos, 21h30,
reprise às quartas-feiras
no mesmo horário.

Boa Vontade TV
Sábados, 21h00,
reprise aos domingos
no mesmo horário.

Apresentação:
José Vicente

Realização:
Afrobras – Sociedade
Afro Brasileira de
Desenvolvimento Sócio
Cultural.

Às favas a comunicação

Por: Silvana Destro, consultora de comunicação (sdestro@globo.com)

Crises são oportunidades, preconiza a sabedoria oriental. O evento trágico ocorrido, dia 12 de janeiro, nas obras da linha 4 do Metrô paulista mostra que, nesse caso, foi à custa do bem que não tem preço: vidas humanas brutalmente perdidas no acidente. Em que pese o fato de que no mundo corporativo as crises têm sido cada vez maiores e mais intensas – muitas quase que simultâneas – as empresas ainda resistem em encarar a comunicação corporativa como ferramenta de gestão. Muitas vão dizer o contrário. Mas, a essas eu pergunto: cadê seu plano de contingência? Nesse plano, qual o peso da comunicação, se é que ela foi contemplada nele. A verdade é que os planos existem, mas, a grande maioria não saiu da gaveta.

A propósito, dia 14 de janeiro, a TAM assumiu publicamente nos jornais que o caos que manchou sua imagem às vésperas do Natal de 2006, foi consequência de falhas na comunicação. Isso não significa que a TAM não gaste dinheiro em publicidade. Gas-

ta muito. Mas, certamente não fez a lição de casa na disciplina de comunicação corporativa.

Ao final, a Gol, dona do avião que matou 154 passageiros e deflagrou toda a discussão acerca do caos no transporte aéreo brasileiro, saiu-se praticamente incólume da grave crise que a acometeu. Durante todo processo, as atitudes de seu principal executivo foram irretocáveis. Constantino fez tudo certo.

Ao contrário, por desconsiderar regras básicas de comunicação, mas, sobretudo pela falta de um plano de contingência que absorvesse esse tipo de crise, a TAM conseguiu atrair para si toda ira e revolta da opinião pública, ingredientes represados desde o acidente com a aeronave da GOL.

Dia 12 de janeiro, horas depois de ter acontecido um dos maiores desastres que a cidade de São Paulo já assistiu, o Consórcio Via Amarela, composto por gigantes da construção civil brasileira, todas com obras de extrema importância dentro e fora do País,

não conseguia colocar em prática conceitos básicos de comunicação, tampouco de gerenciamento de crise. Acredito até que havia coordenação na área de comunicação, mas não era essa a impressão que passava à opinião pública.

Nenhum alto executivo de quaisquer das empresas que compõem o Consórcio veio a público. Sequer para lamentar ou dizer que estava empenhado na apuração dos fatos. É isso que as pessoas comuns, o mercado e a sociedade esperam desses executivos. É esse o preço que eles pagam pelo peso que representam suas instituições. Exatos sete dias depois da tragédia, o Consórcio limitou-se a publicar nos principais jornais um comunicado, lamentando as perdas. Perdeu por WO.

Logo nas primeiras horas pós-desabamento, a profusão de fontes era tamanha que as entrevistas coletivas se transformaram rapidamente em espetáculos midiáticos, e o local se transformou no passeio de domingo de muitas famílias. Funcionários,

assessores de imprensa, analistas de plantão dispostos a opiniões rápidas e sem consistência técnica. Tudo, exceto a transparência, o jogo limpo e rápido, jogado pelo dono do time, ou seja, os executivos das empresas. No meio do caos, um casal de religiosos com violão, sentados em cadeiras de plástico no meio da rua, atrapalhando a circulação de bombeiros e profissionais que estavam trabalhando duro, até a exaustão. Todos falaram e apareceram, exceto eles, os donos do Consórcio. A seqüência de erros se assemelhava a um espetáculo circense. Ninguém se entendia. Pelo menos era essa a impressão diante das câmeras de televisão. Informações eram prestadas e desmentidas quase que simultaneamente. O público mais sensível, mais importante e mais prejudicado – as famílias das vítimas – foi desconsiderado pelas gigantes, que se limitaram a enviar assistentes sociais, duas, segundo a própria mídia. As condições em que essas famílias aguardavam notícias eram lamentáveis. Vale lembrar que entre essas famílias, havia a esposa do cobrador do micro-ônibus, grávida de oito meses, à espera de notícias de seu marido soterrado.

Segundo relatos, lanche e água foram providenciados pela empresa que perdeu o micro-ônibus. Ou seja, a menor teve mais atitude e senso de prioridade do que as gigantes, hipoteticamente preparadas e equipadas.

A sensação de caos provocada pela falta de coordenação na comunicação aumentou as proporções do evento, promovendo uma verdadeira festa de audiência das emissoras de televisão. E para coroar todo processo, a Red Bull



Silvana Destro

resolveu protagonizar uma sessão de piores momentos, enviando duas promotoras para “mostrar a eficiência de seu produto em situação de exaustão”. Merece uma página amarela na revista Veja o gênio do marketing que autorizou essa brilhante ação promocional. Ligar o nome da empresa e seu produto a uma tragédia dessa proporção é no mínimo bizarro. Poderíamos ter sido poupadados dessa.

Ficou absolutamente evidente que não existia um Plano de Contingência que contemplasse a área de comunicação. Não havia nem Plano de Contingência para evacuação das casas vizinhas às obras, quanto mais um plano que pensasse a comunicação de um desastre. Esse fato chega a ser inacreditável num projeto dessa magnitude. Não consegui apurar ainda, mas provoca curiosidade saber se o Consórcio mantinha uma assessoria de comunicação específica ou se cada empresa que o compõe colocou

seu bloco na rua na hora do desespero. Se foi essa a solução, está explicada a instalação do caos.

As empresas no Brasil seguem preferindo ignorar certas necessidades do mundo globalizado. Os Planos de Contingência que contemplam ações imediatas de comunicação é uma delas. E nesses planos, pré determinar a coordenação é fator fundamental para que os efeitos de uma crise sejam minimizados. Dar autonomia, ouvir recomendações e implementá-las é questão de visão empresarial, que em nada combinam com os lucros imediatistas. Essas medidas diminuem os desgastes e os profissionais que atuam na linha de frente têm mais segurança, serenidade e menos pressão nas tomadas de decisões estratégicas na hora do caos. Portanto, realizam as ações essenciais com mais destreza e assertividade. Essa é a função de um bom plano de comunicação corporativa. ■

Não à discriminação racial

Por: Luiz Flávio Borges D'Urso, presidente da OAB-SP

Em consonância com suas prerrogativas constitucionais de guardião da cidadania, do Estado Democrático de Direito e dos direitos humanos, a OAB paulista acompanha com especial interesse todas as iniciativas relacionadas aos movimentos de consciência e valorização dos afrodescendentes no país. Esse trabalho se desenvolve por meio da Comissão do Negro e Assuntos Antidiscriminatórios (Conad), que reúne profissionais comprometidos com a causa e as questões das discriminações raciais e também com as políticas afirmativas, que visam reparar erros e injustiças praticados no país.

Os afrodescendentes vêm conquistando postos importantes no mundo jurídico. Pela primeira vez, dois

advogados.... assumiram a Secretaria de Justiça e Cidadania de São Paulo: Hélio Silva Júnior e Eunice Aparecida de Jesus Prudente. Também vêm se destacando nos meios acadêmicos, no cenário político e nos esportes. Mas, ainda existe um caminho longo a ser percorrido para que os afrodescendentes tenham um tratamento igualitário e respeitoso no mosaico étnico brasileiro. Lamentavelmente, em pleno século 21, a Ordem dos Advogados ainda é mobilizada para apurar denúncias de discriminação racial. Pior, muitas vezes, essa prática de intolerância parte de agentes do Estado que, a princípio, deveriam garantir os direitos de todos os cidadãos, num claro desrespeito à dignidade humana, garantida pela Constituição Federal.

Crimes raciais ainda resistem como práticas do passado no Brasil no moderno meio da Internet. Não por falta de legislação, mas pelo descaso dado ao ensino da cidadania. Aos 20 anos, a Lei Federal 7437/85, cujo texto, modernizado e mais abrangente, substituiu o enunciado da Lei Afonso Arinos, de 1951, ainda está distante de ver seus artigos uma realidade: combater eficazmente o racismo enraizado na sociedade brasileira. No Brasil, o preconceito racial tem o viés socioeconômico. Assim sendo, os trabalhadores afrodescendentes ganham salários inferiores e sofrem com a falta de oportunidades. Dados do IBGE provam que a discriminação ao negro pode ser quan-

tificada. No mercado de trabalho, entre os 10% mais pobres do país, 65% são negros ou pardos. Inversamente, em 1% dos mais ricos, 86% são brancos. Ou seja, os negros são as grandes vítimas da injustiça social no Brasil. Entre as 3,6 milhões de pessoas que passam o mês com menos da metade de um salário mínimo, cerca de 2,3 milhões são negros-pardos, enquanto os brancos somam 1,3 milhão de representantes.

Os afrodescendentes entram antes no mercado de trabalho, reduzindo sua oportunidade de se capacitar melhor, de ampliar os anos de estudo. Quase 52% dos homens negros ou pardos, na faixa etária até 25 anos, começaram a trabalhar antes dos 14 anos. Nestas mesmas condições, as mulheres são 49%. Mesmo os que estudam não deixam de ser discriminados nos salários. Os profissionais brancos com



Luiz D'Urso

12 anos de estudo ganham 40% a mais do que os negros com igual escolaridade. A única resposta para

estas discrepâncias é a continuidade da luta em defesa da plena igualdade e contra a discriminação racial. ■

Ceiça na Promoção da Igualdade Racial do RJ

Natural do Rio de Janeiro, Maria Conceição de Paula Mendes, mais conhecida como Maria Ceiça, atriz negra de sucesso, é a nova superintendente de Promoção da Igualdade Racial do Rio de Janeiro. A Superintendência é órgão da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Governo do Estado, que tem como titular, a ex-governadora e ex-ministra Benedita da Silva.

Num sentido mais abrangente, a Superintendência de Promoção da Igualdade Racial foi criada para formular, elaborar, coordenar, acompanhar e executar políticas públicas e diretrizes; assim como desenvolver projetos que garantam o atendimento das necessidades específicas e colab-

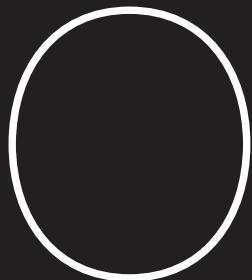
borem ao combate das diferentes formas de discriminação, étnico/ racial, dentre outras. De acordo com esses princípios, Maria Ceiça sabe que terá muito trabalho pela frente, “o que é até motivador”, define. Atuante nas causas que dizem respeito aos afro-descendentes brasileiros e acompanhando muito de perto o trabalho da Afrobras, a atriz não esconde seu interesse em trabalhar mais efetivamente em prol da sua raça. Abraçar e lutar por seus objetivos são alvos da sua vida.

Desde criança começou a cantar em festas da escola e corais de igreja. A educação rígida por parte dos pais a conduziu para o curso técnico de eletricidade, dois anos de Engenharia

Elétrica, tudo em função de um estável emprego na Light. Entretanto, o talento falou mais forte e ela seguiu a carreira de atriz. A atriz conduziu os trabalhos sem deixar de lado seus ideais: contribuir para uma maior visibilidade do afro-descendente. Condições que serão mais propícias a partir de agora, ao assumir a Superintendência de Promoção da Igualdade Racial do Rio de Janeiro. Maria Ceiça já está marcando reuniões com lideranças negras, visando a construção de uma agenda para a I Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial no Estado, prevista para o segundo semestre deste ano, e a participação do Rio na Conferência Nacional, em 2008. ■



Ceiaça



Ventre Livre dando luz ao trabalho escravo

No Brasil do século XIX, as regras da sociedade escravocrata estavam pautadas pelos interesses dos senhores de escravos, que objetivavam permanecer no poder; e manter as relações de trabalho fundadas na escravidão. Para tanto, estavam dispostos a combater toda e qualquer pressão abolicionista, que já ganhava força, advinda de intelectuais brasileiros cuja formação liberal rechaçava tal sistema, e do apoio obtido de países cujas relações de trabalho eram assalariadas.

Em 28 de setembro de 1871, visando enfraquecer as lutas abolicionistas, arrancando esta bandeira das mãos dos liberais, o gabinete conservador, chefiado pelo Visconde do Rio Branco, conseguiu aprovar a chamada Lei do Ventre Livre, segundo a qual seria livre qualquer filho de escrava nascido no Brasil. E, para além da lei, conseguiu bloquear por anos a ação dos abolicionistas garantindo, assim, que a libertação dos escravos fosse um processo lento, gradual e seguro.

É nessa perspectiva que a Lei do Ventre Livre precisa ser relida. Segundo a lei, o filho da escrava é considerado menor até a idade de vinte e um anos. Posição correta, porque estava respaldada nos princípios de direitos que a justificavam. No entanto, é preciso salientar algumas das ambigüidades e contradições que a própria lei escondia. As cláusulas restritivas embutiam o intuito de evitar a libertação de “menores” evidencian- do que, apesar de livre, o filho da escrava não deixou de perder seu valor de mão-de-obra.

Por: Silvana Barbaric, Mestre em História Social, professora da Unipalmares

De fato, o valor mercadoria não mais existia, mas foi habilmente substituído pelo valor-trabalho ligado à idade da criança. Quando o filho da escrava completava oito anos a lei permitia ao senhor, que tinha prazo de um mês para fazê-lo, escolher entre receber

do Estado uma indenização [neste caso a tutela da criança seria entregue ao governo que invariavelmente a transferia a associações], ou utilizar-se dos serviços do menor até a idade de vinte e um anos. Isso ocorria porque aos oito anos a criança já mostrava as suas capacidades. Sem dúvida, poucos foram os senhores que não prenderam pelo trabalho os filhos de suas escravas. Até vinte e um anos, não treze anos de trabalho! Finalmente, nenhuma das crianças da Lei do Ventre Livre teria vinte e um anos em 1888, ano da promulgação da Lei Áurea que declarou extinta a escravidão no Brasil. A Lei do Ventre Livre disfarçou as crianças escravas em livres, já que estas foram libertas da mesma forma e no mesmo tempo que os outros escravos.

A idade de doze anos é, também, fundamental para análise já que a lei estipulava que, no caso de alienação de uma escrava, seus filhos livres, menores de doze anos, deviam acompanhá-la, “ficando o novo senhor sub-rogado nos direitos e obrigações de antecessor”, o que levava os proprietários a utilizar-se deste dispositivo para negociar as crianças, às quais era atribuído valor. Portanto, o valor do escravo/criança não desapareceu com a promulgação da lei de 1871; os senhores nunca deixaram de identificar nestas crianças a possibilidade da ex-



Silvana Barbaric

ploração do trabalho. Assim, em uma época onde cada mãe livre sonhava poder oferecer a seu filho uma escola, o filho da escrava devia cedo aprender as duras leis da escravidão, devia trabalhar para existir e para ser reconhecido como escravo obediente e eficaz para seus senhores, somente sua força de trabalho o distinguia da escravidão adulta.

Sob sua aparência enganadora, a Lei do Ventre Livre foi a clara confissão e a mensagem simbólica do olhar que um corpo social inteiro levantava sobre a criança escrava, contribuindo para o aproveitamento espoliativo da mão-de-obra escrava infantil e para a construção de uma história da família escrava e negra no Brasil. ■



e Lucy ao Ciad

Quando os cientistas norte-americanos e etíopes anunciam ao mundo a descoberta do mais antigo ancestral do homem, a africana Lucy, de 3,2 milhões de anos, confirmava-se ali cientificamente um sentimento já existente entre nós, *a mãe África é realmente o ventre e o berço da humanidade*.

O achado científico só comprovava o que os africanos e seus descendentes na Diáspora vêm demonstrando ao longo dos últimos séculos, ou seja, o mundo dito “civilizado” passa geográfica e antropológicamente pela África.

Neste contexto abriu-se uma nova perspectiva, um olhar diferenciado para o continente africano. A de se notar que desde o surgimento do que denominamos como “civilização moderna” vários têm sido os olhares

para o continente africano e seus atuais habitantes e descendentes. Olhares quase sempre permeados de preconceitos e discriminação.

Dentro deste contexto reuniu-se em Salvador, a maior cidade negra fora da África no ano de 2006, a Conferência Internacional de Intelectuais da África e Diáspora – CIAD, representantes da sociedade civil, chefes de estados, artistas e intelectuais estiveram em Salvador com o único intuito: aprofundar temas de interesse da África e da Diáspora com o firme

propósito de ampliar o conhecimento e o entendimento para promover uma maior cooperação e desenvolvimento no sentido de reduzir as profundas desigualdades existentes.

Foi uma demonstração ao mundo e de quebra ao nosso “movimento negro” que, apesar das diferenças lingüísticas, religiosas, culturais e até política, um novo mundo negro é possível e somente a união entre africanos e a Diáspora pode conter as profundas feridas causadas por séculos de exploração. O exemplo de

integração e esforços proposto pelos chefes de estados, políticos, artistas e pesquisadores, brancos e negros, demonstrou na conferência a possibilidade de um novo olhar e uma nova ação para a África e Diáspora, rompendo a barreira do objeto de estudo para protagonistas da nossa história e do nosso futuro.

Se por um lado o grande desafio e mérito do CIAD foi o de reunir pensamentos diferentes e até mesmo divergentes sobre o futuro da África e da Diáspora, o CIAD cultural com seus artistas, músicos, pintores, escritores intelectuais das mais diferentes correntes de pensamentos, puderam demonstrar que ao rufar o ronco dos tambores uma energia ancestral maior pulsa em nossos corpos e corações. Foi impossível ficar sem se mexer, sem interagir; era a força aglutinadora e essencial do espírito africano agindo de forma espontânea e mostrando por que sobrevivemos a tudo e continuamos a resistir.

Este poder aglutinador cultural fez com que negros da Guiné ou Venezuela, de Moçambique ou das Guianas, da Jamaica ou Lesoto, do Haiti ou da Nigéria, da Costa do Marfim ou de Cabo Verde, de Angola ou do Peru, do Brasil ou de Camarões, dos Estados Unidos ou da África do Sul enfim, dos diversos países africanos e da Diáspora que lá estiveram reunidos transformassem a semana, no



Pestana

encontro de um só povo, uma só nação, ou como diria o poeta “*Não dá pra fugir dessa coisa de pele, vivida por nós, sentirá por nós*”.

Muitas foram às discussões, intervenções, palestras e manifestações culturais, mas sem dúvidas o sentimento mais fluente que podemos perceber ao final da conferência e, sobretudo no CIAD cultural foi: se demos ao mundo, mesmo com todas as diversidades, a contribuição cultural com gênios como Bib King, Bob Marley, Cartola e Pixinguinha, se demos ao mundo, apesar do racismo, personalidades da envergadura

política como Nelson Mandela e Martin Luther King; se conseguimos vencer preconceitos no mundo acadêmico com pessoas do porte de um professor Milton Santos, Pepetela, Tony Morrison; enriquecemos os cofres e a economia do velho mundo com o suor do trabalho escravo. É chegada à hora de cobramos deste mundo uma reparação sim, de tratamento, de respeito e até de recursos, pois como foi demonstrado com o descobrimento de Lucy tudo começou e passa pela África e seus descendentes negros ou brancos espalhados pelo planeta!! ■

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



Música



Foto: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob regência do maestro John Neschling, inicia a Temporada 2007 com obras de Silvestre Revueltas, de Béla Bartók, Heitor Villa-Lobos e de Ottorino Respighi e Dezso Ránkio, piano.

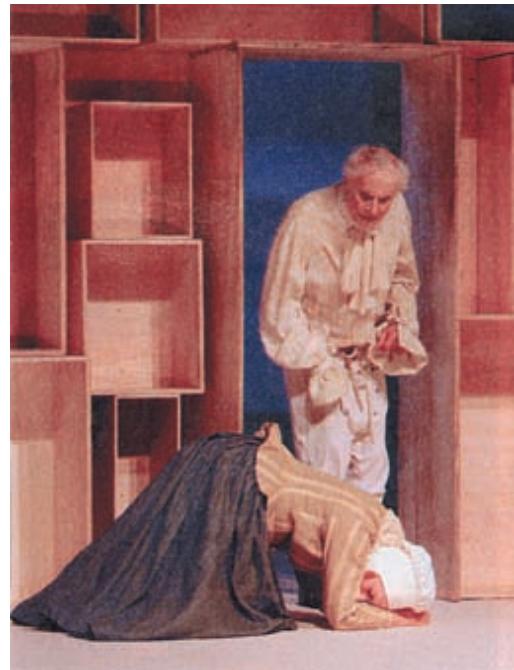
Onde: Sala São Paulo. Rua Mauá, 51. **Quando:** Dias 22 e 23 de fevereiro, às 21h, e 24, às 16h30. **Mais informações:** (11) 3367-9500 ou no site: www.osesp.art.br

"My Fair Lady"

Com direção de Jorge Takla, o musical da Broadway My Fair Lady estréia prevista para março no Teatro Alfa. A versão brasileira do musical é assinada por Cláudio Botelho.

Onde: Teatro Alfa. Rua Bento Branco de Andrade Filho, 722. **Quando:** Quinta a domingo. De 9 de março a 21 de outubro. **Mais informações:** (11) 5693-4000.

Teatro



A comédia *O Avarento*, em cartaz no Teatro Cultura Artística, traz o consagrado autor Paulo Autran no papel principal da obra de Molière. Direção de Felipe Hirsch.

Onde: Teatro Cultura Artística. Sala Esther Mesquita. Rua Nestor Pestana, 196. **Quando:** De quinta a sábado, 21h; domingo, 18h. Até 29 de abril. **Preço(s):** R\$ 30,00 a 80,00. Estudantes e aposentados têm 50% de desconto. **Mais informações:** (11) 3258-3344 ou no site www.culturaartistica.com.br.

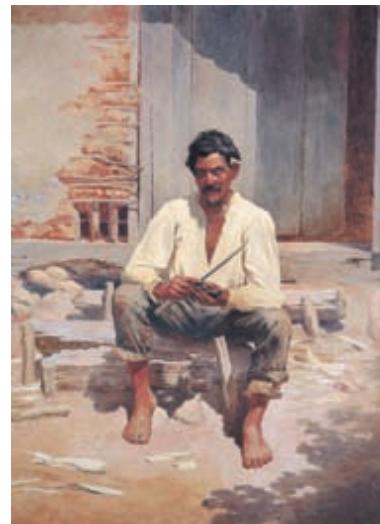
Artes visuais



"O Brasil de Marc Ferrez"

A mostra reúne cerca de 350 imagens do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS) produzidas pelo fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923). A exposição é uma grande oportunidade de apreciar a trajetória do trabalho de registro realizado pelo fotógrafo carioca de origem francesa. Além de conhecidas imagens panorâmicas do Rio de Janeiro, há também fotos inéditas de São Paulo.

Onde: Galeria de Arte do SESI. Av. Paulista, 1313. **Quando:** De 14/11/2006 a 04/03/2007. Entrada gratuita. **Mais informações:** (11) 3146-7406 / 7405 ou pelo site [www.sesisp.org.br/centrocultural](http://sesisp.org.br/centrocultural)



"Almeida Júnior. Um criador de Imaginários"

A exposição apresenta 120 obras produzidas pelo artista paulista José Ferraz de Almeida Júnior. A mostra encerra as comemorações do I Centenário da Pinacoteca do Estado. O artista notabilizou-se por retratar o universo do homem caipira.

Onde: Pinacoteca do Estado. Praça da Luz, 02. **Quando:** De terça a domingo, das 10h às 18h. De 25/01 a 15/04. **Quanto:** R\$ 4,00 (entrada gratuita aos sábados).



"Mundos Imaginários"

A mostra procura mostrar por meio de rica coleção cartográfica o processo de criação, produção, circulação e consumo da cartografia impressa entre os séculos XVI e XIX por meio de mapas

Onde: Instituto de Estudos Brasileiros. Av. Prof. Mello Moraes, travessa 8, nº 140. Cidade Universitária. **Mais informações:** (11) 3091-2399. **Quando:** De terça a sexta, das 9h às 18h, por tempo indeterminado. Entrada gratuita.

Vestibular Unipalmares 2007: SUCESSO

Muita concentração e expectativa. Foi nesse clima que milhares de estudantes, das diversas partes da região metropolitana lotaram as salas de aula da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, para realização do exame vestibular para uma das 400 vagas disponíveis para as quatro habilitações do curso de Administração do ano letivo de 2007.

Antes das oito da manhã já era grande a movimentação dos vestibulandos na sede da universidade. Ana Cristina Dias Martins de 24 anos, que pela primeira vez participara do processo seletivo da Unipalmares, chegou cedo para o exame, estava tranquila e diz que conheceu a universidade através de amigos que obtiveram informações no ensaio da escola de samba Vai-Vai, parceira da instituição. “Já havia prestado outros vestibulares, tanto para Administração como para outros cursos, mas me interessei pela Unipalmares quando me disseram que apesar do baixo custo da mensalidade, tratava-se de um curso conceituado perante o mercado profissional e que muitos alunos daqui já estavam estagiando em grandes empresas”.



Alunos fazendo prova

Segundo a candidata, poder ingressar em uma universidade preocupada com a qualidade de ensino de seus estudantes é sem dúvida um grande passo para um futuro profissional de sucesso. “Para muitos aqui, essa é uma oportunidade única de formação superior e é estimulante saber que existe uma faculdade que se interessa e trabalha pelos afro-descendentes”. Embora, a maioria fosse composta de jovens, era possível encontrar sem dificuldade vestibulandos com maior faixa

etária. Era o caso de Dalva de Oliveira e Marques, que chegou a universidade através de um anúncio de jornal. Aos 46 anos e há muito longe das salas de aula, ela enxergou na Unipalmares uma possibilidade de retomar os estudos. “É uma oportunidade também de eu avaliar como eu estou, o meu nível de conhecimento, eu espero hoje aqui fazer do meu limão uma limonada” disse a vestibulanda em clima descontraído. Ela afirma que escolheu a universidade de “por uma razão bem especial: estar

voltada para a valorização de cidadania da raça negra, para que possamos estar em pé de igualdade em disputa no mercado, nos equiparmos às demais raças. Estamos 100 anos atrasados e para tirar essa diferença, somente através do estudo, pois conhecimento é uma coisa que ninguém pode nos tirar ou ocultar de nós", conclui.

Também aguardando pela prova estava a estudante



Momento da prova



Dalva de Oliveira e Marques

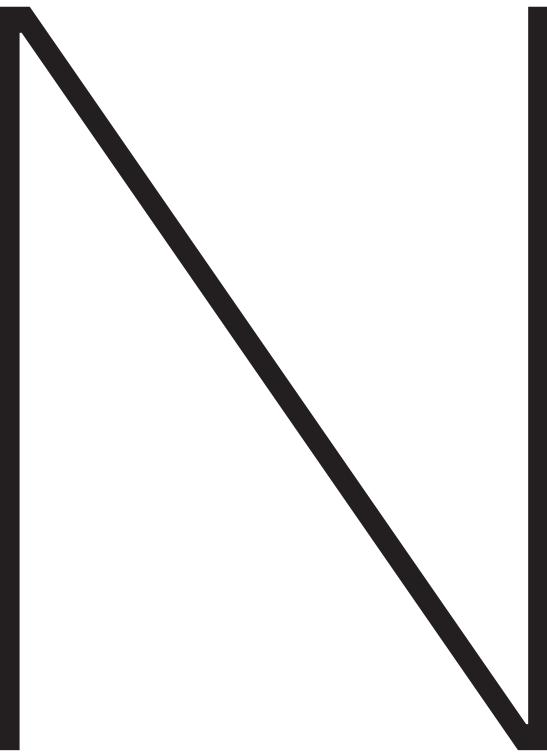
Jaqueleine Araújo, de 24 anos. Branca, entre a maioria afro-descendente que prestava o vestibular, ela disse não estar incomodada com a situação, uma vez que foi informada por amigos que outras pessoas não-negras já estudavam na Zumbi e que não havia qualquer diferença de tratamento em relação a elas. "Me senti à vontade para fazer a inscrição e espero realmente ser aprovada, pois além do curso, terei a possibilidade de conhecer mais da cultura negra e me tornar parte dela", comentou.

A prova, elaborada pela direção acadêmica da instituição, apresentou questões específicas do 2º grau, além de abordar temas atuais, avaliando também os conhecimentos gerais. Os candidatos dissertaram ainda sob a abordagem "sem educação não há liberdade" tema da redação deste ano. Para a diretora Cristina Jorge, é uma grande satisfação poder abrir as por-

tas da Unipalmes para cada vez mais pessoas, e perceber que elas acreditam no trabalho desenvolvido pela universidade. "Tenho certeza de que ainda veremos grandes profissionais dentre os que estão aqui hoje. O vestibular é só o começo de muitas carreiras promissoras que sairão de nossas salas de aula, como já é realidade entre os nossos estudantes". ■



Alunos se dirigem às salas



Novas opções para os alunos da Unipalmares

Por: Luiz Carlos Stolf, Doutor em Administração, coordenador do curso de Administração e Antônio Carlos Matos, professor da Unipalmares

Os primeiros cursos de Administração de Empresas surgiram no Brasil na década de 50, mas somente em 1965 a profissão de administrador passou a ter existência legal. De lá para cá houve uma tração surpreendente de profissionais e de escolas, e consequente a proliferação de cursos. Em São Paulo, registramos o Conselho Regional de Administração – CRASP, quase 80 mil Administradores.

É provável que tudo tenha começado com Taylor (Frederick Wirslow Taylor, EUA, 1865) considerado o pai

da “Administração Científica”. Taylor propunha a utilização de métodos científicos para a obtenção de maior eficiência na produção consubstancial a num controle inflexível, e conseguiu com isso um desempenho recorde nas indústrias em que atuou.

Ampliando a visão de Taylor, a “Teoria Clássica da Administração” de Jules Henri Fayol, (Stambul 1841, Paris 1925) já propunha uma visão de empresa como um todo, de cima para baixo. Para Fayol, administrar seria então “o processo de planejar,

organizar, comandar, coordenar e controlar”.

Da ênfase em “tarefas” de Taylor, passando pela ênfase em “estrutura” de Fayol, as técnicas de administração de empresas não pararam de evoluir. Tivemos ainda a ênfase em pessoas, ambiente e agora a questão tecnológica parece ocupar lugar de destaque.

As escolas que promovem cursos de Administração procuraram insistente mente por mestres que possam “ensinar” o que há de mais moderno,



Luiz Carlos Stolf

como forma de valorização da escola no mercado. Formar profissionais que saibam decidir, comandar, inovar, resolver problemas, impressionar e influenciar nas relações empresariais é o reconhecimento do mercado que toda escola deseja.

Já os alunos procuram por instituições que promovam a maior facilidade de acesso ao mercado de trabalho. O sonho de cada aluno, quase sem exceção, é um estágio em uma grande empresa, uma promoção no emprego atual, um cargo gerencial, finalmente

o mais alto escalão: o CEO (Chief Executive Officer).

Mas, o que existe em comum em toda a evolução da Administração de Empresas, é que o ensino e as instituições responsáveis se voltavam para abastecer o mercado com trabalhadores capazes. Empregados, muito natural, uma posição comercialmente correta, pois é o que o mercado sempre exigiu. As grandes empresas e corporações foram as responsáveis pela grande disseminação da profissão de administrador.

“ A Unipalmares, que já inovou com a proposta de uma escola de cidadania, dá agora mais um passo revolucionário. O ensino do empreendedorismo ”

A evolução continua, e acelerada. O emprego como nós o conhecemos hoje, tem cerca de 200 anos. Parece que esse formato de ganhar a vida entra na rota de extinção. A verdade é que não haverá emprego para todas as pessoas. Ou porque a sociedade não conseguirá criar postos de trabalho para todas as pessoas ou porque nem todos conseguirão ter preparo tecnológico para atender as exigências das inovações.

Mas, temos novidades. Nem todas as escolas de Administração de Empresas olham essa situação passivamente. A Unipalmares, que já inovou com a proposta de uma escola de cidadania, dá agora mais um passo revolucionário. O ensino do empreendedorismo. A opção não é somente preparar o aluno para disputar um bom emprego, mas também para ser empresário. Perceber as oportunidades de negócios do mercado. Empreender na vida empresarial. Ser dono do próprio negócio. Ter uma opção a mais.

Em 2007 a Unipalmares introduzirá

“ O sentimento de cidadania que norteia todas as decisões da escola passa também pela preocupação de geração de trabalho e renda para todos ”

disciplinas regulares no curso de Administração de Empresas, trazendo técnicas e práticas exitosas sobre montagem e viabilização de negócios, com foco na pequena empresa. Impressionante visão de futuro da faculdade. As disciplinas de empreendedorismo começam na graduação de Administradores de Empresas, mas, são aplicáveis a todas as demais carreiras.

O desafio a que esta escola está se pondo é muito maior. O sentimento de cidadania que norteia todas as decisões da escola passa também pela preocupação de geração de trabalho e renda para todos. A opção pelo lado empresarial de pequenos negócios é o impulso que falta ao jovem formando. A dúvida arrasadora da maioria: “o que farei quando me formar?”, agora tem uma resposta moderna: ser dono do próprio negócio.

O esforço para formação de empresários leva esta escola a adotar as seguintes estratégias:



Antônio Carlos Matos

1. Cinco novas disciplinas com foco no empreendedorismo;
2. Incubadora de empresas, no campus.

Em relação ao item 1, o destaque recai nas disciplinas do último ano de Administração, no qual se encontra um pentágono cujos cinco vértices são formados pelas disciplinas Gestão da Micro e Pequena Empresa; Empreendedorismo; Análise e Avaliação de Projetos; Planejamento Estratégico e Plano

de Negócios. Todas voltadas para a viabilização de negócios empresariais.

No tocante ao último item os alunos deverão em grupo, administrar na prática incubadoras de empresas sob a orientação dos mais renomados Professores-Consultores da Escola. Nada, tampouco nenhuma outra escola, se aproxima do grande sonho da Unipalmares: preparar a maior parte do seu corpo discente para serem empresários. ■



Material didático de primeira qualidade,
simulados, plantão de dúvidas.
Inscrições abertas para turmas de março,
períodos manhã e noite. Vagas limitadas.

AGÊNCIA DE INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO
CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL COM 180 CURSOS DISPONÍVEIS

ENFIM, UM CURSINHO QUE VOCÊ
PODE PAGAR: CURSO COMUNITÁRIO
PRÉ-VESTIBULAR DA AFROBRAS.
A CHANCE DE UM FUTURO MELHOR POR R\$ 75,00 POR MÊS.

MATERIAL
DIDÁTICO
INCLUSO.

INFORMAÇÕES: (11) 3228-1824 • WWW.AFROBRAS.ORG.BR

afrobras


Sem educação não há liberdade



importância da inclusão digital

Por: Waldomiro Guimarães Filho, professor da Unipalmes

A economia mundial passa, atualmente, por um processo de globalização, onde as fronteiras nacionais não são mais uma proteção efetiva contra a concorrência de produtos de alta qualidade e/ou baixo custo. Para atender ao mercado e continuarem competitivas, as organizações devem melhorar a qualidade de seus produtos e processos, reduzir custos e aumentar a flexibilidade e eficiência de todo o sistema com agilidade crescente. Qualidade possui hoje um sentido mais amplo do que no passado: o seu adjetivo mais utilizado – total, implica que todos os esforços devem ser voltados para a satisfação do cliente.

A busca da competitividade, fator es-

sencial para a sobrevivência em um ambiente globalizado, tem levado empresas a um uso intensivo de técnicas computacionais avançadas, que integram projeto, gestão e manufatura. Para se incorporar essas novas tecnologias à rotina de trabalho das empresas, não basta efetuar aquisições de “pacotes fechados” (turnkey solutions), aguardando que os mesmos irão promover mudanças imediatas em seus padrões de qualidade e produtividade; resoluções deste tipo, aliás, bastante freqüentes, têm sido causadoras de muitos prejuízos e decepções.

Numa aldeia global cada vez mais próspera, onde a troca de idéias ocorre instantaneamente por meio

das viagens e das telecomunicações, a necessidade ou “o prazer” de cobrir os bens do próximo, originou mudanças econômicas, tecnológicas e culturais produzindo uma profunda transformação nas relações humanas, nas estruturas organizacionais do mundo, do trabalho, da família e da escola, por consequência, nas próprias pessoas.

A maior parte dos países da Europa, os E.U.A e o Japão vivem uma sociedade dual: uma sociedade dividida em dois setores, um majoritário e outro minoritário. O primeiro goza do bem estar e das vantagens de um mundo superdesenvolvido. O segundo, subdividido em grupos de pobreza, miséria, marginalização e



Waldomiro Guimarães Filho

prostituição, representa a escória do sistema. Se presencia aqui, um terceiro e quarto mundos.

Chegamos a este modelo de sociedade como consequência do processo histórico das crises econômicas, dos anos setenta e oitenta.

A crise dos anos setenta teve como desencadeamento o problema energético. A crise dos anos oitenta teve como desencadeamento a revolução tecnológica, que está configurando uma nova sociedade, novos valores e dependências, um futuro incerto.

O preço de tudo isto, quem está pagando é o povo, com milhões de desempregados, incerteza de trabalho fixo, perda do poder aquisitivo, economia submersa, miséria e marginalização.

Uma nova valorização do trabalho, não como centro da vida, mas sim, como meio de ganhar dinheiro para viver. Valorização do momento presente, como única realidade que vale a pena; reclame ao consumismo, que apresenta como saída para felicidade imediata.

Consequências em nível escolar

Tudo que acabamos de explicar repercute nos âmbitos escolares que são caixas de ressonâncias destas situações. Encontramos todo tipo de consequência, desde o nível afetivo, relações com os companheiros e professores, até a desmotivação para o trabalho escolar, passando pela dispersão e aumento da agressividade.

O aprendizado é o resultado da interação entre o contexto do que se vai aprender e o aprendiz, o qual processa a informação e a transforma. A maioria das teorias de aprendizagem sugere que, para que esta seja efetiva, necessita ser ativa.

A escola, como instituição, tem hoje em dia, uma tarefa muito pesada, complicada e porque não dizer agonizante para os professores, já que são as crianças e os adolescentes que mais sentem as consequências de uma sociedade exploradora e narcisista, que manipula as pessoas desde muito cedo, sem oferecer uma formação integral; mas, sim, utilizando-as como possíveis consumidores da máquina econômica.

As formas e recursos de representação do mundo vêm se desenvolvendo expressivamente desde aqueles primeiros momentos em que o homem começou a investigar o meio ambiente. As novas tecnologias dos meios de comunicação, à medida que evoluem, forçam, com sua sofisticação, o aprimoramento das capacidades de expressão levando o homem a descobrir novas formas de perceber e representar o mundo.



Centro de Inclusão Digital, Fundação Bradesco/Unipalmares

Existe uma grande variedade de meios de comunicação, dos mais simples aos mais sofisticados tecnologicamente e do ponto de vista da linguagem.

Entretanto, é importante lembrar que nenhum meio é, por si só, capaz de levar o estudante ao desenvolvimento de suas potencialidades criativas a fim de que o conteúdo veiculado produza conhecimento.

Isto depende muito do conteúdo, da qualidade da informação e da maneira como esta é codificada, tratada no veículo.

A importância da inclusão digital

passa pelo reconhecimento desse contexto, que nos fornece elementos suficientes para buscar diretrizes metodológicas para a implantação e utilização dos programas de inclusão digital na escola e na sociedade, como fonte de informação motivadora e geradora do processo de construção de conhecimento de um modo geral, a fim de que, cada um, com suas diferentes leituras, participe da produção de conhecimento.

O processo de inclusão digital deve ser entendido como acesso universal ao uso das tecnologias de informação (TICs), e dos benefícios trazidos por essas tecnologias.

Assim, a importância da inclusão digital como forma de desenvolvimento é oferecer oportunidade para todos terem acesso ao uso das tecnologias de informação e comunicação, independente de classe social ou localização geográfica.

Isso quer dizer que Inclusão digital e produção do conhecimento são fatores fundamentais para o desenvolvimento econômico, político, cultural, e social do país.

Por fim, muitos aspectos da inclusão digital não estão nas máquinas nem na relação com as máquinas, e sim no processo global de inclusão social. ■



Na Colombo todas as cores estão sempre na moda.



www.camisariacolombo.com.br

Língua Portuguesa: Como deve ser o ensino ideal?

Por: Ivanilce Santos Oliveira, professora da Unipalmares

Em pleno século XXI, uma reflexão sobre as principais discussões relacionadas à nossa língua materna nos traz o seguinte questionamento: de onde viemos, onde estamos e para onde iremos? Do latim até o Português de hoje um enorme processo de transformação aconteceu. Na atualidade, importantes pesquisadores têm nos mostrado que, devido às diferenças sociais e as mudanças que a sociedade moderna vem sofrendo, é necessário observar o contexto e também deixar a quebra de paradigmas, no que diz respeito à linguagem, continuar a acontecer, pois as línguas também mudam, sempre.

Embora os gramáticos tradicionalistas discordem, importantes passos já foram dados. Baseado nas teorias da Lingüística moderna, nos trabalhos de diversos estudiosos e até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino ideal na atualidade deve deixar de lado o ensino da gramática inspirado apenas nos compêndios e conceber a Língua Portuguesa como algo que tem vida à medida que seus falantes convivem diariamente com dialetos regionais,



Ivanilce Santos Oliveira

gírias, neologismos, estrangeirismos e também, com a dita norma cultural. Graças a isso está sendo possível perceber que, embora exista uma só

gramática, imanente à linguagem de todos os falantes da Língua Portuguesa, não existe apenas uma forma de manifestação lingüística.

Essa nova abordagem deve dar espaço também para um aprendizado crítico, criativo e acima de tudo reflexivo e prático visando, obviamente, à clareza de idéias, pois no que diz respeito ao aprendizado não é válido saber de cor regras e normas e não como e onde utilizá-la. O livre-docente em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Celso Pedro Luft, “nos diz :”importante é se habilitar a falar claro, escrever claro, de modo eficiente, utilizar com desembaraço e prazer seu bem pessoal mais íntimo: a língua”.

Outro ponto importante nesse novo modo de ensinar/aprender, deve ser o respeito à capacidade nata de conhecer a língua que cada um possui já que, como mencionado acima, nascemos falantes da Língua Portuguesa e sabemos, sim, estruturar gramaticalmente a fala ou escrita. Com isso excluiremos da sociedade a idéia pré-concebida que “fulano fala ou escreve assim porque não sabe Português”.

Contudo, será que essa nova postura realmente é melhor para o aluno do que o ensino gramaticalista convencionado durante anos como o único caminho para “aprender” Português? Luft aponta que “um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo

do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”. Enfim, com um ensino gramaticalista não há aprendizado e sim a memorização de regras e normas e a falta de respeito com a capacidade inerente a cada brasileiro de domínio da gramática. Com o intuito de abraçar essa proposta libertadora, mas também evitar os desvios da norma-padrão, pois é fato incontestável que há uma necessidade social para o uso da ‘língua certa’, o que se propõe na Universidade Zumbi dos Palmares, não é um ensino puramente gramaticalista que certamente daria margem para “a idealização da norma culta como um padrão lingüístico 100% puro”, como também combate veementemente o doutor em Língua Portuguesa pela USP, Marcos Bagno, mas sim um ensino que, em primeiro lugar respeite a diferença cultural do País - pois embora a constituição assegure que todos são iguais perante a lei, à maioria esmagadora da população fala “outra língua” pelo fato de a educação de qualidade ainda passa longe de mais de 60 milhões de analfabetos e analfabetos funcionais, de acordo com dados do IBGE. E em segundo lugar o ensino na Zumbi busca fazer o aluno perceber que ele pode se expressar, tanto na modalidade oral quanto na escrita, buscando o equilíbrio entre o que é aceitável e adequado para cada contexto social

em que estiver. Assim, mais do que fazê-lo decorar conjunções subordinadas adversativas, próclises, ênclises e mesóclises, o desafio é fazê-lo entender e usar a Língua Portuguesa como sua aliada.

E como isso é possível? Acima de tudo é imprescindível a percepção de que não basta limitar o aprendizado às salas de aulas. E necessário que o aluno esteja atento e aberto a informações, filtre, critique, questione, leia pressupostos e subentendidos e aproveite todas as oportunidades para expandir seus conhecimentos (uma delas são as Oficinas de Comunicação e Expressão). Só assim, cada um poderá, através da língua, analisar e ler o mundo e comemorar mais essa conquista em favor da inclusão, pois a pior exclusão é ser um estranho em sua própria pátria, em sua própria língua. ■

Referências bibliográficas

Bagno, Marcos de (1999): Preconceito lingüístico – o que é, como se faz 22^a ed., São Paulo, Loyola.

Luft, Celso Pedro de (2000): Língua e Liberdade 8^a ed., São Paulo, Ática, 200.

Os números da educação no Brasil

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no final de 2006, divulgou dados pouco animadores em relação à educação da população brasileira. No estudo, os pesquisadores destacam como um dos principais obstáculos para o desenvolvimento educacional e social do País, a falta de direcionamento dos recursos, bem como o mau planejamento e a abrangência limitada das ações educacionais já existentes. Os números apontam que o índice anual de redução de analfabetismo nos últi-

mos quatro anos ficou na casa de 0,4%. De 1992 a 2002, a média foi um pouco maior, com 0,6% ao ano. Em 2005, o País possuía 14,6 milhões de analfabetos com idade a partir dos 15 anos, o correspondente a 10,9 % da população nessa faixa — número bastante eleva-

*Por: Daniela Beilich
Da Redação*

do em comparação a outros países da América do Sul. A exemplo, em 2001, o índice de analfabetismo no Brasil era de 12,4 % enquanto na Argentina não chegava a 3%.

Os pesquisadores Ângela Barreto, Jorge Abrahão de Castro, Martha Cassiolato e Paulo Corbucci, técnicos de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) foram os responsáveis pela pesquisa, parte do relatório “Desafios e Perspectivas da Política Social”, que discute ainda temas como previdência, saúde, emprego e renda. É fato que nas últimas décadas houve crescimento da possibilidade de acesso à educação, comprovado através dos 19% do analfabetismo registrado entre a população acima dos 40 anos, maior percentual dentre as faixas etárias avaliadas. E um comparativo entre as regiões norte/nordeste e sul/sudeste, populações urbanas e rurais, negros e

Foto: Roberto Souza



Alunos do ensino médio

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil, 1995-2001-2005

(Em %)

Brasil, sexo, cor, situação no domicílio, Grandes Regiões	Ano			
	1995	2001	2005*	2005**
Brasil	15,6	12,4	10,9	11,1
Cor				
Branca	9,5	7,7	7,0	7,0
Preta ou parda	23,5	18,2	15,3	15,4
Situação do domicílio				
Urbano	11,4	9,5	8,4	8,4
Rural	32,7	28,7	25,6	25,0
Grandes Regiões				
Norte	13,3	11,2	9,4	11,6
Nordeste	30,5	24,3	21,9	21,9
Sudeste	9,3	7,5	6,6	6,6
Sul	9,1	7,1	5,9	5,9
Centro-Oeste	13,4	10,2	8,9	8,9
Faixa etária				
10 anos ou +	14,8	11,4	10,2	
10 a 14 anos	10,0	4,2	3,4	
15 a 24 anos	7,2	4,2	2,9	
25 a 39 anos	10,4	8,2	7,0	
40 anos ou +	26,1	21,2	19,0	

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1995, 2001 e 2005.

Obs.: * Exclusive a população rural da Região Norte.

** Inclusive a população rural da Região Norte.

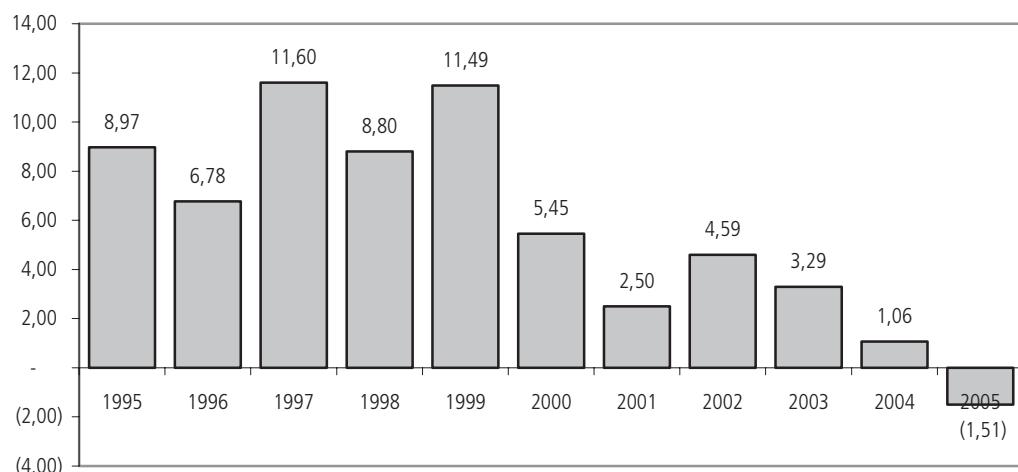
brancos, a diferença é ainda mais visível, prova da ineficácia na destinação de verbas. O relatório aponta ainda a questão da não continuidade nos estudo, o que em um curto espaço de tempo devolve ao recém-alfabetizado à condição de analfabeto. Timothy Ireland, diretor de Departamento do EJA (Educação de Jovens e Adultos), afirma que o Ministério da Educação (MEC) tem dado especial atenção aos programas de alfabetização e preocupa-se com a questão, por isso ao longo de quatro anos do programa reduziu a porcentagem de alunos no programa através de instituições parceiras, incitando a participação dos estados e municípios. Questionado sobre os índices de redução de analfabetismo citados no relatório do IPEA, Ireland questiona o método de contagem dos analfabetos, hoje feito por autodeclaração: "Na sociedade atual, as pessoas não consideram-se

alfabetizadas por saberem escrever o nome, ou lerem algumas palavras. Eles sabem quais as exigências da sociedade então, mesmo com algum conhecimento, declararam-se não alfabetizados, o que nos leva a índices como esse. Por isso, temos trabalhado da melhor maneira, dentro das nossas possibilidades, para ampliar o número de alunos participantes do EJA", conclui. Ainda segundo o diretor, espera-se que agora, com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), haja um aumento nos recursos repassados ao EJA, imprescindíveis para manter a qualidade e expansão do programa. A avaliação também apontou os problemas e caminhos para solução dos déficits de educação individualmente para cada nível de escolaridade, incluindo o ensino infantil (de 0 a 6 anos), ainda que ele não esteja entre os níveis de ensino obrigatório. Segun-

do os pesquisadores, a faixa etária foi inclusa pela constatação de que nela obtém-se os melhores retornos sociais e financeiros sob aspecto educacional, mas o número de crianças de 0 a 3 anos matriculados em creches não passa dos 13%, quando a meta do Plano Nacional da Educação (PNE) é de 50% em 2001. Para eles, melhorias só serão possíveis com investimento pesado, uma vez que qualificam como "muito tímidas" as ações atuais e investimentos financeiros do Ministério da Educação nessa faixa, atentando para — além da ampliação emergencial da oferta de vagas, através da construção de novas unidades — criação de programas de apoio à creches comunitárias e filantrópicas já existentes, a fim de garantir a qualidade do atendimento prestado e possibilitar bons resultados no ensino fundamental.

Os avanços mais relevantes da avalia-

Taxa de crescimento das matrículas no ensino médio, 1995 a 2005



Fonte: Inep/MEC
Elaboração: Disoc/Ipea.

■ Seqüência1

ção deram-se no ensino fundamental. Caracterizado como escolaridade obrigatória, o IPEA qualifica como um grande avanço, a inclusão de crianças de 6 anos no ensino fundamental, que agora, passa a ter nove anos de duração. Além disso, nos anos 90 houve uma quase universalização do acesso a educação de crianças e jovens entre 7 e 14 anos. Atualmente, programas como o atual Bolsa-Escola, do governo federal, têm contribuído para os atuais resultados, muito embora, haja uma reivindicação unânime de toda a sociedade brasileira, à melhora na qualidade de ensino, sendo apontada inclusive, como a principal medida para qualquer crescimento social e econômico do Brasil. O texto também destaca a diferença registrada pelos indicadores em relação ao ensino sob alguns aspectos, como por exemplo, a informação de que em 2005, o número de alunos entre 7 e 14 anos das áreas rurais chegou a 92% do total de crianças nessa fase escolar, contra 66,4% registrados em 1992. Po-

rém, quando verificadas as taxas médias esperadas para conclusão da 8ª série, a região sudeste concentra 69,3% contra apenas 38,2% no nordeste, novamente com a agravante da quantidade e qualidade do conhecimento adquirido pelos alunos nessas regiões.

No ensino médio os resultados não seguem as mesmas projeções. Um dos fatores que explica as atuais estatísticas é o fato de o governo federal atentar-se ao ensino médio somente no fim da década de 90, época em que, até hoje, registra-se como a maior em número de matrículas. Conforme o gráfico, em 2005 a redução foi tamanha que chegou a índices negativos, -1,51%. Tal déficit está ligado diretamente à condições econômico-sociais dos estudantes e também à repetência. Alunos que chegam ao ensino médio com três, quatro anos de defasagem em relação a idade estipulada, dificilmente prosseguem nos estudos. Além de desestimulados pela repetência, a idade superior os impõe à entrada no merca-

do de trabalho e consequentemente ao abandono escolar. Hoje, os números apontam que quase metade dos alunos do ensino médio estão matriculados no período noturno, mesmo aqueles em idade escolar equivalente à série, pela necessidade de emprego. Somente 37% dos estudantes que ingressam no ensino médio conseguem concluir a graduação.

Educação superior

O elevado número de novas instituições de ensino superior no Brasil, principalmente nas grandes cidades mostra a preocupação da população em elevar o nível de sua graduação. Entretanto, se comparado a países de primeiro mundo, ou mesmo com outros países da América Latina, o acesso ainda é restrito. Internamente, são grandes as disparidades regionais, de raça, cor e renda. Esta última, no entanto, mostra-se como fator determinante. Em 1995, 18% das vagas do ensino superior privado estavam

ociosas e nove anos depois já chegava aos 50%, atribuídas aos valores cobrados pelas boas instituições privadas. A exemplo no ensino médio, a necessidade de ingresso no mercado de trabalho dificulta, quando não restringe totalmente o desejo do diploma superior.

No ensino público, o desnível de conhecimento trazidos dos ensinos fundamental e médio entre alunos oriundos de escolas públicas e privadas torna a competição praticamente inexistente. O ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio, que transforma em pontos as notas obtidas com a prova, utilizada por algumas instituições de ensino superior, a maioria pública, como complemento à nota obtida na pontuação de seus vestibulares, pôde avaliar essa desproporção. De acordo com estudo do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) dos estudantes que prestaram o exame em 2003, 76% dos que apresentaram aproveitamento nos graus “crítico” e “muito crítico” estudavam no período noturno, sendo 96% deles alunos em escolas públicas.

Ingresso de negros

O mesmo estudo do Inep de 2003, utilizado como fonte para o relatório do IPEA, avaliou a inclusão de afro-descendentes no ensino superior. À época, desconsiderando as devidas proporções em relação à população brasileira em sua totalidade, registrou-se praticamente o dobro afro-descendentes no ensino superior, que ingressaram em instituições públicas em relação às privadas. Ainda assim, comparado a 1995, quando a média total de negros em relação aos brancos, somadas as faculdades públicas

e privadas, era de 21%, houve um crescimento de 7%. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), divulgados em novembro de 2006, contestam esses números e dizem que em 2001 a porcentagem de negros era de 18% do total, chegando aos 30% somente em 2005, tendo a partir de 2001 um crescimento anual e contínuo de 2%. Ainda segundo o IBGE, mantendo esse ritmo de crescimento em 2015 o total de negros nas universidades será proporcional ao de sua população no País: 49%.

Como nos demais níveis de escolaridade avaliados, o IPEA apresentou sugestões de medidas para os principais problemas do ensino superior no Brasil. Além de medidas gerais como a ampliação da oferta de vagas nas universidades públicas, a instituição de um fundo de financiamento da educação pública e a implantação de mecanismos de credenciamento, monitoramento e avaliação de cursos e instituições, o relatório incluiu sugestão específica para a inclusão de afro-descendentes, com a intensificação de políticas afirmativas voltadas para a população afro-descendente e alunos oriundos de escolas públicas. Na palavra dos pesquisadores, “para que haja a efetiva democratização do



Alunos fazendo o Enem

acesso à educação superior, há de se tratar da questão racial”. Eles afirmam ainda que a desigualdade racial sob esse aspecto transcende os fatores econômicos, uma vez que entre brancos e negros de mesmo nível financeiro também há desproporção favorecendo aos brancos, o que caracteriza também a existência de algum processo discriminatório racial.

O relatório Desafios e Perspectivas da Política Social foi uma solicitação do Ministério do Planejamento ao IPEA, que servirá de base para o Plano Pluriannual (PPA) 2008-2011, que prevê o estabelecimento de metas e estratégias de planejamento e gestão para o governo federal, e deverá ser encaminhado ao Congresso em 2007. ■

O perfil do universitário brasileiro e o problema de vasão no ensino superior

Por: profa Dra. Gisela Wajskop, Socióloga, Mestre e Doutora em Didática e Metodologia de Ensino Diretora do Instituto Superior de Educação de São Paulo/Singularidades

Em recente artigo, publicado pelo Jornal Folha de São Paulo em 15/01/2007, com base em dados do último Censo da Educação Superior do INEP, pudemos constatar a descabida taxa de evasão anual média de 22% em nosso país. O termo descabido refere-se à distância que o país ainda mantém entre os quase 75% da população jovem ainda fora dos cursos superiores e aqueles que tiveram, pelas mais diversas razões, a “sorte” de as freqüentarem.

Se esta evasão revela desperdício do dinheiro público, por um lado, e ociosidade de professores, equipamentos, espaço físico em todo tipo

de estrutura acadêmica, por outro, parece-me que há questões pouco tocadas quando se trata do ensino superior.

Por que um jovem ou uma jovem que, por meio de todos os esforços possíveis, conseguiu uma vaga universitária abandona a escola?

Além das razões econômicas, penso que há várias razões exógenas à escola que poderíamos listar rapidamente:

- A sociedade do espetáculo e do consumo fácil apresenta aos jovens oportunidades que não demandam estudos nem esforços para conseguir alguns trocados: trata-se da oferta de empregos sem especiali-

zação, de diversas naturezas, cujo vínculo trabalhista acaba na praia das próximas férias;

- Os cursos superiores não condizem com a empregabilidade real e imediata esperada pelo jovem: diariamente, estes ouvem e constatam casos de engenheiros desempregados ou psicólogos que viraram marqueteiros. Ou seja, tanto faz estudar ou não, pois conseguir um emprego é questão de quem indica;

- Total falta de projeto juvenil! A maioria dos jovens não tem visão de longo prazo, não escolhe a carreira em função de um projeto individual associado a mudanças sociais. Nesse sentido, suas escolhas acabam sendo

imediatistas e a realidade não responde à altura de suas expectativas.

Bem, eu poderia listar mais uma centena de razões para a evasão estudantil superior, buscando compreender o jovem e sua relação com a sociedade.

Ocorre que os jovens assim sempre o foram... sonhos e mudanças de percurso os caracteriza. Porém, quando se trata de pensar no Brasil, país jovem e cuja escolaridade superior populacional tem pouco mais de uma década para as massas mais pobres da população, essa questão passa a ser um problema de quem ensina e não de quem aprende.

A questão que se coloca, hoje, é como criar mecanismos internos de manutenção do aluno no ensino superior, de maneira a que os estudantes desenvolvam competências básicas para o exercício da cidadania que seja criticar a atual sociedade! Ou construir um novo projeto que lhes seja próprio...

Nessa perspectiva, parece-me que os cursos de formação de professores – Normal Superior ou Pedagogia, têm por desafio pensar na Didática do Ensino Superior com cuidado, atendendo ao perfil do atual aluno universitário ingressante. Estes alunos são, na grande maioria, egressos de escolas de nível médio públicas e possuem graves dificuldades de expressão na linguagem oral e escrita e, pasmem! possuem repertórios culturais pobres, que os dificulta compreender conceitos particulares das diferentes áreas de formação por não freqüentarem



Gisela Wajskop

cinema, teatro, nem conhecem a História nem a Geografia!

Nessa perspectiva, eu penso que chegou a hora do Ensino Superior voltar-se para a formação de seus professores: a Academia Tradicional, pautada na excelência de especialistas não consegue mais propiciar aos alunos que aprendam os conceitos, procedimentos e atitudes necessárias ao exercício da profissão, nem mesmo que permaneçam nos bancos escolares para ouvir seus Mestres!

Faz-se necessário construir uma nova cultura escolar universitária, na qual o “suposto saber” seja reconhecido e crie curiosidade em seus

ouvintes. Para isso, acredito seja necessária uma revisão profunda das estratégias de ensino, incorporando oficinas de leitura e escrita nos currículos das mais diversas áreas de formação, assim como desenvolvendo novas formas de participação dos jovens na aprendizagem de novos conhecimentos.

Além disso, refletir sobre a criação de Programas de Formação Cultural como parte das Matrizes Curriculares poderá auxiliar os estudantes a re-significar a formação universitária como crédito para buscar um lugar ao sol. Não na praia, mas na convivência democrática que supõe protagonismo, idéias e ação consciente!

Afrobras realiza

Sonhos



Trabalho social desenvolvido pelos bolsistas



Wagner Nogueira da Silva

Trajar a beca, cantar o Hino Nacional, pegar o diploma, festejar... Para o aluno que está concludo o curso a sensação é de conquista, vitória, de um grande passo dado na jornada da vida. Tais sentimentos não diferem muito para os responsáveis pelo Programa Mais Negros nas Universidades, após a formatura de cada grupo de alunos. Concebido pela Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, o programa tem por meta favorecer o acesso ao afro-descendente brasileiro ao ensino superior, através de bolsas de estudo obtidas em parcerias entre a Afrobras e algumas instituições de ensino (Unip, Metodista SP, Metodista Piracicaba, Unisa, Senac, Oswaldo Cruz e Alumni). “Desde o ano 2000 já participaram do programa 600 alunos e outros 120 ainda são integrantes do Mais Negros na Universidade”, diz Ruth Lopes, vice-presidente da Afrobras.

A aluna Elisete Alves dos Santos ressalta que concluir o curso de Engenharia de Produção Mecânica, na Unip, a partir da bolsa de estudos conferida pela Afrobras, foi mais do que uma conquista. “A Afro-



bras representa uma lição de vida. Principalmente, após participar dos trabalhos sociais que compõem o Programa Mais Negros nas Universidades, nos últimos 5 anos, descobri uma nova maneira de en-

xergar a vida. Desde 2002, acompanho muito de perto o crescimento da Afrobras e da Unipalmares, sempre contribuindo para que as entidades se fortaleçam ainda mais”, afirmou.

O coordenador do programa junto aos bolsistas Wagner Nogueira da Silva está entre os formandos do ano passado. Muito embora tenha concluído o curso de Direito na Unisa, ele permanece na coordenação do programa. Juntamente com Silva e Elisete, também receberam seus diplomas: Karina da Silva Costa (Turismo -Unisa), Marizilda Moises Nascimento (Direito – Unip), Mary Ellen Juliana Arão (Turismo – Unip), Monica Nascimento Lima (Serviço Social – Unisa), Vilmar Gomes Pereira (Engenharia Mecatrônica – Unip), Everaldo Cruz (Moda – Senac) e Luciana Amaro Pedro (Direito – Unisa). ■



Melhorar a vida. É isso que a gente faz.

Quando se coloca o paciente em primeiro lugar, fica mais fácil entender o compromisso que a Merck Sharp & Dohme tem com a ciência de última geração e com a busca incansável por alternativas terapêuticas que tragam benefícios a longo prazo para todos. Nos próximos 5 anos, lançaremos vacinas e medicamentos que permitirão salvar vidas ou melhorar a qualidade de vida de milhares de pessoas no mundo todo. Para nós, isto é colocar o paciente em primeiro lugar.



MERCK SHARP & DOHME
O paciente em primeiro lugar

educação, uma prioridade nacional?

Por: Rosenildo Gomes Ferreira, jornalista da revista *IstoÉ Dinheiro*

Em outubro de 2006, em meio à disputa eleitoral pelo governo de São Paulo, o depoimento emocionado de uma mãe chamou a atenção dos paulistas. A referida personagem fora à televisão para denunciar que seu filho de 13 anos não sabia ler, apesar de estar prestes a completar a sétima série. A cena em questão compunha a estratégia de um candidato que atacava a política educacional do Estado, centrando suas baterias na Progressão Continuada – mecanismo adotado no final da década de 90 e que substituiu a reprovação de alunos com mau desempenho por aulas de recuperação, por exemplo. No início deste ano, um relatório do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) investigou a fundo os motivos que levam os jovens a abandonar a escola. O

diagnóstico é assustador: nada menos que 40,44% dos entrevistados disseram ter tomado essa atitude porque, simplesmente, a escola não mais lhes interessava. A necessidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho, tido historicamente como o grande vilão da evasão, foi a causa apontada por apenas 17,11% dos casos.

Tanto o desespero da mãe paulista quanto conclusões da pesquisa do Inep apontam para a mesma direção: a falência de um modelo de ensino que não soube (e também não quis) acompanhar a evolução da sociedade, muito menos foi planejado para reduzir o fosso entre os brasileiros pobres e os mais abonados. Mesmo tendo sido capaz de incríveis avanços políticos, sociais e econômicos, a elite que ascendeu ao poder em 1985

fracassou rotundamente na tarefa de construir um modelo educacional público justo, qualitativo e que cumpra, de fato, o papel de despertar (e valorizar) competências e preparar os jovens (especialmente os mais pobres) para o mercado de trabalho e também para a vida.

Em parte, isso acontece porque assim como a mãe citada acima, a maioria das famílias brasileiras (incluindo muitos representantes da classe média) delegaram à escola a tarefa de educar (no sentido amplo) seus filhos. Fala-se muito nos excepcionais resultados educacionais obtidos pelos países asiáticos (Coréia do Sul e Japão) ou mesmo na emergente Irlanda. Mas um exame um pouco mais detido sobre o que acontece nestes países indica que a tal “Revolução Educacional” só foi (e continua sen-

“ Melhor mesmo seria proibir, por decreto, o blá-blá-blá sobre educação e obrigar que os políticos e os funcionários de alto escalão matriculem seus filhos nas escolas públicas ”

do) bem sucedida porque as famílias – pai, mãe e avós – acompanham de forma obsessiva o desempenho escolar de sua prole.

É claro que satanizar a mãe da periferia do Rio de Janeiro ou do ele-gante Jardim Europa, em São Paulo, não resolve a questão. Afinal, o que podem fazer, por exemplo, os pais e as mães de jovens que vivem nas centenas de cidades do interior nas quais as escolas sequer têm luz elétrica e onde uma brava e solitária professora tem sob sua guarda uma turma que inclui crianças e jovens de 7 a 14 anos de idade? Certamente muito pouco. Também não me parece uma questão de escassez de recursos. A educação pública é, felizmente, uma das áreas mais bem aquinhoadas nos orçamentos da União, Estados e Municípios. Se não faltam dinheiro nem



Rosenildo Gomes Ferreira

muito menos empenho de boa parte dos professores e gestores de escolas, onde está o problema?. Arrisco dizer que o principal entrave é a forma com que se dá a organização escolar e o desperdício nesta área. Não é segredo para ninguém que o governo em todas as esferas gasta mal a verba de educação. Contudo, sem um programa pedagógico inovador e eficiente – com recursos didáticos construídos a partir das necessidades acadêmicas locais e também com vistas ao mercado de trabalho – vamos ficar eternamente patinando nessa área.

Desde que comecei a votar, lá pe-

los idos de 1982, ouço candidatos aos mais variados cargos públicos dizerem que educação é a grande prioridade. Melhor mesmo seria proibir, por decreto, o blá-blá-blá sobre educação e obrigar que os políticos e os funcionários de alto escalão matriculem seus filhos nas escolas públicas. Creio que só assim veríamos o discurso fácil e vazio ser substituído por um gigantesco mutirão em prol da construção da verdadeira cidadania. Afinal, como pontifica meu dileto amigo José Vicente, presidente da Afrobras: sem educação não há liberdade! ■

Perspectivas de se abrir para o novo

Mais um ano se inicia. Aos nossos ouvidos ainda ressoa a canção "... um ano termina e começa outra vez...". O ciclo da dualidade humana nos lembra que finitude e começo fazem parte da mesma moeda. O Ano Novo abre perspectivas para um fazer diferente, surpreender-se, olhar diferente. Novos sonhos, novas metas. Enchemos os nossos corações de esperanças e desejamos para nós e para o outro, Feliz Ano!. Eu diria que demos o primeiro passo, pois os desejos, os sonhos, são pontos de partida e não de chegada, ou seja, precisamos de ações. Ações individuais e coletivas que são decorrentes de estratégias, planejamentos e metas. Talvez uma pergunta que possamos fazer seria: O que eu posso fazer para ter um 2007 realmente Novo, com realizações? Possivelmente parte destas respostas está intrinsecamente ligadas às ações do poder público. Políticas públicas em prol da comunidade devem priorizar o bem comum. E a nossa organização como sociedade para propor, cobrar e acompanhar sua aplicabilidade é nosso papel como cidadãos. Falamos a partir de uma ótica individual-coletiva, coletiva-individual, numa relação de interdependência. O Novo nos impulsiona a criação, a busca de novas propostas, tanto para

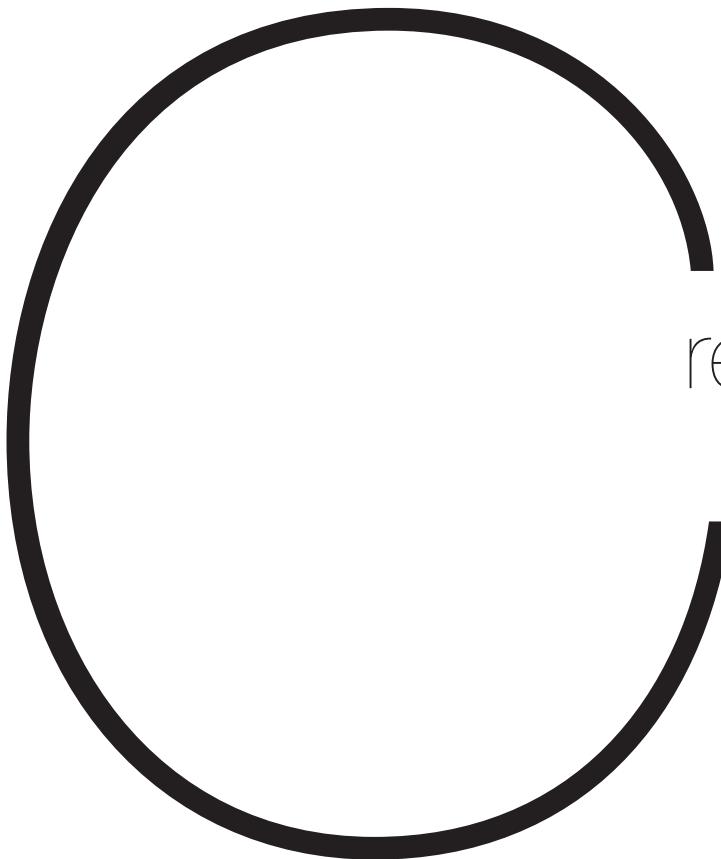
Por: Maria Célia Malaquias, Mestre em Psicologia Social, Coordenadora do NAP – Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmares - mcmalaquias@uol.com.br



Celia Malaquias

as questões e desafios atuais, como eventuais pendências antigas. As perspectivas do Novo Ano nos fazem pensar em novas oportunidades. Como se nos dessemos conta que desta vez não vamos "dormir no ponto", estaremos atentos ao que elegermos como foco. É bom lembrar que a vida é feita de momentos únicos, não há ensaios.

Cuidar de cada um dos nossos momentos de vida em 2007, prestar atenção em si, no outro, cuidar dos nossos afetos, sem perder o próprio ritmo, certamente é uma possibilidade de nova chance. É no passo a passo que se busca o equilíbrio que pode avançar para uma nova dança da vida. Feliz Transmutação para todos nós!! ■



rescimento Profissional e Gestão de Projetos

Por: Washington Grimas, professor da Unipalmare

Atualmente, vivemos momentos decisivos no mundo corporativo e, consequentemente, no mercado de trabalho globalizado, que, aliás, está cada vez mais competitivo e implacável. Ele escolhe e favorece sempre o profissional melhor preparado e competente para desfrutar das melhores oportunidades, independendo do nível corporativo que esteja essa oportunidade (no âmbito operacional, conhecimento, tático e estratégico).

Através de uma pesquisa para desenvolver conclusões sobre um determinado assunto estratégico, pude identificar uma metodologia que atualmente está em alta na maioria das empresas, e que pode auxiliar o

profissional e o futuro profissional a organizar, controlar, dirigir, enfim, gerir sua carreira profissional com maiores probabilidades de atingir e conquistar seus objetivos profissionais e pessoais. Estou me referindo ao Project Management (Gerenciamento de projetos), que está baseado nos preceitos e recomendações do Project Management Institut PMI, órgão internacional que define quais as melhores práticas, processos e procedimentos para gerenciarmos todo e qualquer tipo de projeto.

Mas para podermos utilizar de forma adequada essa metodologia, temos

que entender o que é um projeto, e, entre algumas definições, a que considero mais adequada ao nosso objetivo é a seguinte: Projeto é definido como um conjunto de atividades planejadas que devem ser executadas durante um período limitado de tempo, empregando recursos que trabalhem juntos para atender a um objetivo específico. Mas como estamos tratando do desenvolvimento e/ou evolução de uma carreira profissional, podemos acrescentar a esta definição o item de Avaliação do Resultado.

O que mais nos interessa nesta metodologia é o gerenciamento de alguns

itens como: Objetivo, Escopo, Premissas, Restrições, Prazos e custos. Vamos explorar cada um destes itens e entender como ele pode nos ajudar em nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

Objetivo: Quando planejamos um projeto temos que ter bem claro qual é o resultado esperado ao concluirmos o mesmo. Em geral, esse objetivo deve ser expresso de maneira clara e objetiva. Por exemplo: pretendo ocupar uma posição estratégica no prazo máximo de dez anos.

Escopo: O planejamento do escopo é feito de modo detalhado e com o maior numero de minúcias possíveis, pois temos que entender quais serão as ações tomadas, quais os responsáveis e suas atribuições, planos de ações, definição de atividades, entre outras coisas. Em outras palavras, de que maneira vamos chegar ao objetivo final do projeto, definir quais as pessoas envolvidas que vão direta ou indiretamente contribuir com ele.

Premissas: São todos os fatos, observações, recursos, atividades, ações, decisões necessárias para viabilizar o início e o desenvolvimento do projeto, e temos que utilizar nosso bom senso, experiências e conhecimentos para podermos analisar o escopo e com isso definir o que é necessário para termos sucesso. O ideal é atingirmos a maturidade de definirmos as premissas por grau de importância e urgência, e termos a capacidade de criarmos o plano “B” para uma possível inviabilidade do que foi previsto como premissa inicialmente.

Restrições: São os balizadores do



Washington Grimas,

projeto, e quando bem identificados e utilizados, servem como apoio das premissas e acabam assumindo a figura de “norteadores” do projeto. Quando listamos as restrições temos que contemplar fatores como tempo, recursos financeiros, recursos tecnológicos, problemas com comunicação, entre outras possíveis limitações.

Riscos: Os riscos são possíveis problemas que podem ocorrer e por sua vez interferir no andamento e desenvolvimento do projeto. Os

mesmo são classificados em níveis que vão desde possíveis atrasos no cronograma e atividade, até o seu cancelamento.

Prazos: Fator chave em muitos projetos, pois a falta de gerenciamento dos prazos interfere diretamente em todo ele e afeta todos os recursos que foram listados e mensurados no projeto, tais como: pessoas, equipamentos, recursos financeiros entre outras. Se não estamos dentro dos prazos, certamente vamos perder o controle

sobre os custos e, com isso, causar sérios problemas e comprometer o sucesso do projeto.

Custos: Após identificar, entender, listar e quantificar os itens anteriores, temos informações e ferramentas suficientes para quantificar quanto vai custar iniciar, desenvolver e concluir o projeto, e a gestão financeira dele está presente em todas as suas fases, atividades e etapas.

Basicamente esses itens são os pontos focais da maioria dos projetos. O que nos propomos a gerenciar e/ou participar, mas existem alguns outros detalhes muitos importantes para a gestão de projetos, detalhes como a elaboração e o acompanhamento de cronogramas, elaboração do Work Breakdown Structure WBS, relatórios gerenciais e as reuniões com a equipe e gerenciais. Podemos utilizar os itens já listados na gestão de nossa carreira profissional. Vamos a um simples exemplo:

Projeto: Crescimento Profissional de Antônio José.

Objetivo: Ocupar o cargo e exercer a função de diretor-geral financeiro de uma empresa nacional.

Escopo: Iniciar e concluir um curso superior em Administração Geral ou Financeira; iniciar e concluir um curso de especialização focado em Gestão Financeira; conhecer e entender o mercado financeiro, suas verbalizações, índices e particularidades; desenvolver um networking objetivo e funcional para ter acesso a boas oportunidades

profissionais; procurar ajuda profissional para desenvolver as competências necessárias para o cargo da área financeira.

Premissas: Ter formação superior adequada ao cargo, ter acesso às empresas e pessoas do mercado financeiro, ter recursos financeiros adequados para poder participar de cursos, seminários, workshops e demais eventos do setor.

Restrições: Não identificadas ou inexistentes.

Riscos: Não ter os recursos financeiros necessários para pôr em prática o projeto, não ter acesso ao mercado financeiro por deficiência de comunicação e conhecimento adequado, além de outros.

Prazos: Aqui tem que ser definido o prazo para a conclusão do projeto levando em consideração todas as premissas identificadas e as limitações de tempo de cada uma e entre elas (neste ponto é preciso criar o cronograma e utilizar todos os prazos existentes nos itens listados nas premissas).

Custos: Para iniciar esse projeto vai ser necessária a quantia inicial de R\$ X, onde esse valor é expresso em uma planilha que separa esses custos da seguinte forma: investimentos, custos de implantação (em alguns momentos do projeto podem ser serviços, matrículas, inscrições, entre outros) e custos mensais (os custos que vão existir durante todo o desenvolvimento do projeto e, em alguns casos, após o mesmo). Em geral esses valores são expressivos, pois não te-

mos o hábito de colocar na “ponta do lápis” como e com quê gastamos nosso dinheiro.

Como podemos verificar, a prática de gerenciamento de projeto não é tão fácil assim como parece inicialmente, mas podemos dizer que é como andar de bicicleta: uma vez que aprendemos, não esquecemos, e a cada novo projeto que gerenciamos e executamos faremos de uma maneira melhor e mais competente, e mais ainda quando se trata do desenvolvimento de nossa carreira profissional porque somos os maiores interessados no sucesso desse projeto. É inevitável que surjam dúvidas como: Não tenho idéia do quero fazer, já sou um profissional. Será que ainda posso mudar de área de atuação? Já estou na casa do quarenta anos, será que ainda tenho espaço para me destacar? entre outras tantas, porém o que temos que ter em mente é que estamos em constante movimento e uma vez que lutamos e buscamos melhores oportunidades profissionais com ética, responsabilidade, ambição, foco no resultado, e amor ao nosso trabalho, estamos certamente no caminho do Sucesso. Minha dica é: busque o conhecimento necessário para gerenciar projetos, leia e aprenda com os exemplos de outros profissionais que já estão no caminho do sucesso e, baseado no que aprender, crie e desenvolva seu projeto de sucesso profissional e pessoal.

Trabalhe

comigo



Que tal planejar o ano de 2007 evitando brigas e estresse, além de promover o melhor ‘clima’ no ambiente de trabalho? Isso é possível garante a americana Gini Graham Scott, a partir de um modelo de resolução de conflitos baseado na emoção, razão e intuição (ERI). O resultado desse trabalho, Gini Graham traduziu no livro “Trabalhe Comigo”, recém lançado no Brasil pela Editora Landscape. “Não importa se é empresário, gerente, supervisor ou algum outro tipo de funcionário; o profissional pode usar as técnicas para lidar com todos os tipos de conflito entre indivíduos e

Como resolver conflitos no ambiente de trabalho

grupos”, diz a autora através da prática da fórmula: ERI – Emoção-Razão-Intuição. Tal modelo ajuda a vencer as barreiras emocionais na hora de resolver problemas, superar equívocos comuns de comunicação, reconhecer os fatores organizacionais e políticos que podem gerar atrito, identificar interesses, necessidades e desejos individuais que levam às situações de brigas, lidar com pessoas difíceis e adotar estilos de negociação diferenciados para resolver problemas.

Em “Preparando-se para lidar com situações difíceis” - o primeiro capítulo, a autora traz casos práticos e os analisa, comparando os pontos positivos e os negativos. Daí para frente, passo-a-passos, Gini Graham apresenta a visão geral do ERI. Em um dos capítulos, sugere comportamentos diferenciados para cada situação

de estresse. Nele são elencados cinco modelos típicos - Competição, Fuga, Acomodação, Colaboração e Acordo. As habilidades na arte de negociar são abordadas de modo especial, como também um guia para visualização de idéias, possibilidades e self-talk (autoconversa para desenvolver idéias e fazer escolhas). Essas técnicas têm variedade de aplicações que vão desde a geração de novos conceitos e o aperfeiçoamento da administração de projetos até a promoção do desenvolvimento pessoal e relacionamentos mais harmoniosos.

Autora de 30 livros, Gini Graham é consultora empresarial e ministra palestras nas áreas de resolução de conflitos, desenvolvimento organizacional, dinâmicas sociais e criatividade.

Mapa da diversidade nos bancos brasileiros

Febraban promete verificar quem são os profissionais que compõem o segmento bancário no Brasil

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e o Ministério Público do Trabalho estabeleceram um acordo para mapear, em um período máximo de seis meses, a diversidade nas instituições financeiras do País. O compromisso, firmado no último dia 26 de janeiro durante a sessão na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, foi resultado de uma iniciativa de diversas entidades de repreensão à discriminação e exclusão de minorias, que questionou a ausência de negros e mulheres nos bancos brasileiros, especialmente os privados. Na ocasião, Mário Sérgio Vanconcelos, diretor de relações institucionais da Febraban, disse que a instituição está disposta a estabelecer mudanças, reconhecendo como válidas as cobranças dos representantes da sociedade civil.

O advogado Humberto Adami, presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) e um



Humberto Adami

dos principais articuladores de tais reivindicações, questiona a legitimidade da medida.

“Basta entrar em uma agência bancária para perceber que eles não estão lá. Até pouco tempo instituições com 70 mil funcionários tinham apenas 2% de negros em seu quadro efetivo. Ressalto que é importante a questão das representações desenvol-

vidas pelo IARA e a Federação Nacional dos Advogados junto ao MPT, pois são essas que nos permitiram descortinar a ausência de negros nos principais bancos do País”. O advogado afirma que das 119 instituições financeiras que integram a Febraban, apenas sete possuem políticas pró-ativas e entre as restantes, somente cinco sofreram ação civil.

Otavio Brito Lopes, Vice-procurador Geral do Trabalho e também presente, disse que a medida é válida porque será acompanhada de estratégias de promoção da diversidade e que o setor bancário “é emblemático, pois puxa os demais da economia”. Para garantir andamento efetivo das ações, Adami protocolou junto a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização dos Estados Americanos (OEA) um pedido de acompanhamento do projeto de mapeamento das contratações nos bancos. ■

85 %

dos alunos da
Unipalmares
estão
empregados



Estagiários do Banco Itaú

Trinta por cento dos alunos Unipalmares – Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares participam do programa de trainee em importantes instituições financeiras. Nem bem começou o ano, a Unipalmares acaba de estabelecer uma nova parceria. Desta vez, foi com o Banco Santander Banespa. Trinta alunos da faculdade serão selecionados para estagiar naquela instituição financeira, segundo Cristina Jorge, diretora da Unipalmares.

Ainda em fevereiro será feita uma apresentação do banco, seguida das



Estagiários do Banco Real e o reitor José Vicente, ao centro

inscrições dos alunos para o processo de seleção. Os alunos selecionados terão a oportunidade de atuar em diferentes áreas, desde Produtos a Recursos Humanos, de acordo com seu próprio perfil. O início do estágio está previsto para abril, após uma semana de treinamento intensivo.

Outras atividades – Além do programa de estágio, o banco irá disponibilizar para os estagiários e professores interessados um curso de Espanhol on-line. Os executivos da instituição financeira também se comprometem a ministrar palestras para os alunos da Unipalmares. Um centro de inclusão digital Santander/Unipalmares integra as ações da nova parceria.

Resultados positivos – Somam-se aos 30% de alunos em instituições financeiras, mais 16% que cumprem estágios no Centro de Inte-

gração Empresa Escola (CIE-E), 27% em empresas e 29% estão efetivados ou ainda à procura de estágios, conforme dados apurados em dezembro de 2006. Dentre as instituições financeiras que integram parcerias com a Unipalmares, estão: Bradesco, Itaú, Citibank, Real ABN

AMRO Bank, HSBC e Safra. No Bradesco, 58 alunos fazem estágio com duração de dois anos, terminado esse período o jovem pode ser contratado. Quarenta e nove são treinados no Real e 45 no Itaú, sendo que nesse último 21 alunos se formaram no primeiro semestre de 2006 e que podem ser contratados. O Citigroup Brasil (Citibank) começou com 21 alunos e hoje atende 37 estudantes. Com duração de um ano, o programa pode ser prorrogado por mais um ano. Um dos mais recentes parceiros, o HSBC com seu projeto Ônix abriga 20 estagiários. Todos os estagiários da Unipalmares integram do curso de Formação Executivo Financeiro Júnior, em nível MBA, realizado em conjunto com grandes instituições de ensino como Unicamp, USP e Fundação Getúlio Vargas. ■



Estagiários do Banco HSBC

Instituto Gerdau

atende mais de

400 projetos
sociais
em todo o País

O Instituto Gerdau, braço do Grupo Gerdau na atuação em responsabilidade social, atua em mais de 400 projetos sociais apoiados pela empresa em todo o Brasil e à condução das políticas e diretrizes de responsabilidade social do Grupo. Atuante no Brasil, Argentina, Canadá, Chile, Estados Unidos e Uruguai, o Grupo Gerdau participa também em mais de 100 projetos sociais nas Américas do Sul e do Norte. O instituto tem como objetivo unificar todas essas ações. A maioria tem como base a difusão do conhecimento.

Em entrevista a Afirmativa Plural, José Paulo Soares Martins, diretor do Instituto Gerdau, falou com exclusividade sobre a atuação e os projetos abordados pela entidade.

Afirmativa - *Por que a Gerdau sentiu necessidade de criar um Instituto?*

José Paulo Soares Martins - A criação do Instituto Gerdau foi fundamentada na combinação de interesses sobre o tema da Responsabilidade Social Empresarial, no âmbito da nossa empresa e do acionista controlador, a Família Gerdau Johannpeter.

Afirmativa - *Como funciona e qual a linha mestra do Instituto?*

José Paulo Soares Martins - O instituto é o gestor do processo de responsabilidade social do Grupo Gerdau e pretende ser referência nessa prática, gerando desenvolvimento comunitário de forma sustentável. Tem como missão propor políticas e diretrizes de responsabilidade social para o Grupo, promover e apoiar ações sociais empreendedoras, diretamente ou através de comitês nas unidades, que contribuam de forma eficaz para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, objetivando o desenvolvimento sustentável.

Afirmativa - *Em que áreas e quais são os focos de atuação?*

José Paulo Soares Martins - Nós atuamos corporativamente, em sinergia com as unidades e processos do Grupo, alinhando práticas de gestão socialmente responsáveis. Os fo-

cos de investimento do Instituto são: Educação e Mobilização Solidária. Em educação, apoiamos os projetos relacionados aos temas: Qualidade na educação, onde buscamos contribuir para a qualidade na educação, por meio de programas que visem à melhoria de gestão das instituições de ensino público e a capacitação dos educadores; Educação para o empreendedorismo e competitividade, onde fomentamos o espírito empreendedor e desenvolvemos talentos capazes de gerar riqueza para a comunidade; Educação em gestão da qualidade no terceiro setor, onde promovemos a melhoria da gestão nas organizações do terceiro setor, por meio do uso de metodologias de qualidade total; Educação pela cultura e esporte, onde buscamos promover a educação e a inclusão social, através da Cultura e do Es-

porte; e Educação ambiental, onde ampliamos a consciência da sociedade para uma relação sustentável com o meio ambiente. No tema Mobilização Solidária são promovidas ações sociais que atendam necessidades pontuais das comunidades, que mobilizam os colaboradores e demais agentes da sociedade.

Afirmativa - *O Instituto Gerdau tem atuação isolada ou auxilia também outras ONGs?*

José Paulo Soares Martins

- Entre os focos de atuação, temos educação em gestão da qualidade no terceiro setor, que tem como objetivo promover a melhoria da gestão nas organizações do Terceiro Setor, por meio do uso de metodologias de qualidade total.

Afirmativa - *E quais são os principais projetos e áreas de atuação?*

José Paulo Soares Martins - Os principais projetos apoiados atualmente são voltados à educação. Buscamos qualidade na educação e educação para o empreendedorismo e competitividade. Com foco na qualidade na educação destacamos os seguintes projetos: Biblioteca Gerdau, Além das Letras, Prêmio Jovem Cientista e Fundo do Milênio para a Primeira Infância. Já em Empreendedorismo e Competitividade, os destaques são: Júnior Achievement e Prêmios de Competitividade. Além desses, o Programa de Voluntariado Organizado também merece destaque. Iniciado em abril de 2006, o



As ações também beneficiam crianças

Programa Voluntário Gerdau, mobilizou mais de seis mil colaboradores em ações ocorridas entre os meses de abril e junho deste ano.

Afirmativa - *E estas ações atendem somente crianças?*

José Paulo Soares Martins - Além de crianças, as ações também beneficiam jovens e adultos.

Afirmativa - *Qual é o projeto que o senhor considera mais importante para o Instituto?*

José Paulo Soares Martins - Para o Instituto Gerdau, todos os projetos são importantes. Em geral, os projetos de Responsabilidade Social Empresarial são conduzidos pelas unidades do Grupo no País e o Instituto Gerdau atua como estimulador e facilitador das ações a serem implantadas pela empresa.

Afirmativa - *Existe por parte do Instituto preocupação com a inclusão do negro, seja no mercado de trabalho ou na educação?*

José Paulo Soares Martins - O Instituto Gerdau preocupa-se com a inclusão das minorias, mas não temos programa específico para inclusão, segmentado por raça.

Afirmativa - *A Afrobras trabalha com a inclusão do negro, entre outras, no ensino superior. Existe a possibilidade de parcerias nesta área?*

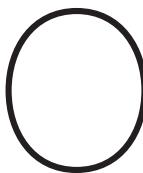
José Paulo Soares Martins - Conforme disse, anteriormente, nossos projetos possuem alguns focos de atuação em educação com áreas específicas. A educação é uma de nossas prioridades, mas a inclusão no ensino superior não faz parte do nosso foco de atuação. ■

Incluir

Sonhos, esperanças e trabalho são os responsáveis por construir a visão de futuro de qualquer sociedade. Porém, essas forças positivas nem sempre encontram o grande rio das oportunidades. Por isso, levar em conta essas aspirações e apresentar oportunidades para que elas se concretizem tornou-se premente: é preciso incluir o excluído!

Vejo, em cada crise, uma oportunidade. Portanto, se hoje a desigualdade, o desemprego e outras falências sociais se destacam, podemos também falar da oportunidade que esse ambiente desfavorável oferece, seja às empresas, seja à sociedade. Entretanto, essas oportunidades somente se concretizam quando as empresas assumem a responsabilidade social como base ética para crescimento.

Para muitas empresas, que ainda não adotaram a responsabilidade social corporativa como parte de sua estratégia, é hora de criar vínculos entre a evolução do negócio e a evolução



excluído

Por: Ivan Zurita, Presidente da Nestlé Brasil

social, não apenas local, mas global. Todas as camadas da população desejam ter acesso a qualquer produto ou serviço. Realizar esse sonho de muitos, quer na área de consumo, na de educação ou saúde, significa contribuir para o bem-estar social. É aí que entra a base ética de crescimento empresarial, pela identificação de

estratégias adequadas. Para a Nestlé, a RSC não é novidade. Esse sempre foi o modo Nestlé de fazer negócios. RSC está intrínseca no trabalho desta companhia, que tem por objetivo não apenas criar valor para o acionista, mas, também, para a sociedade. Uma coisa é decorrente da outra. É uma cadeia de valores que se integra nessas duas dimensões e se traduz no impacto que o “share value” tem na sociedade. Não é uma via de uma mão apenas, onde o importante é o “share value”; igualmente importante é o “shared value”, isto é, o compartilhar desse valor com o meio.

Assim, para a Nestlé, esse movimento não consiste em atingir “um novo mercado”, mas em criar oportunidades para um mercado que sempre existiu e foi excluído. Por isso, repito: é hora de incluir o que foi excluído!

Setenta por cento da população brasileira, isto é, 136 milhões de pessoas, pertencem às classes C, D e E. Representam 72% de todos os alimentos comprados neste país. E, se acaso alguém considera que esses consumidores de baixa renda estão em locais remotos, vale a pena verificar que, na verdade, jamais estiveram tão perto

das classes A e B. Essa configuração das cidades, de amplas favelas ao lado de moradias confortáveis, foi a primeira inclusão natural, determinada pela própria exclusão que foi feita. Foi a imposição geográfica desse mercado “escondido” que sempre esteve entre nós. Em termos de sobrevivência, a exclusão partiu muitas vezes para o subemprego e, a partir daí, para derivações marginais que a sociedade permite. Porém, o conceito de cidadania, que é base da responsabilidade social corporativa, vem crescendo como poder transformador do cenário social. Esse poder ultrapassa a função de “instituição filantrópica” e se estende a toda a cadeia produtiva da empresa. Somente assim podemos conceber o compromisso e a responsabilidade social de uma organização. Essa cadeia de valor possui 3 blocos: fornecedores e outsourcing; produção e distribuição; consumidor e produtos. As boas práticas de sucesso para a corporação garantem o sucesso da sociedade, pelo compartilhar de valores. A Nestlé sempre agiu dessa forma e para isso não tem modelo, a não ser a criatividade aplicada às boas práticas de sucesso nesses três blocos que compõem essa cadeia de valor.

Cerca de um milhão de pessoas, nos países em desenvolvimento, contam com renda diária inferior a um dólar. Isso inclui um terço da população da Índia e do Brasil. Ao marcar presença, também, nesse imenso segmento, a Nestlé passa a contar com uma importante oportunidade de crescimento. Os exemplos da Nestlé no Brasil já inspiram outras unidades da empresa,



Ivan Zurita

pois a Nestlé está totalmente comprometida em se beneficiar do seu próprio tamanho e da sua presença global. Mas isso deve ser entendido como uma união das vantagens que essas duas qualidades proporcionam e que se traduzem em regionalização e globalização. A regionalização é sinal

de que não acreditamos na existência de um “consumidor global”. Esse cuidado traduz o respeito da Nestlé pelo consumidor e também se expressa nos modelos de regionalização destinados à população de baixa renda. Obviamente, as pesquisas de mercado oferecem um importante ins-



“ É hora de criar vínculos entre a evolução do negócio e a evolução social, não apenas local, mas global ”

trumento de trabalho, mas o que nos permite conhecer as expectativas e as necessidades da população brasileira é, precisamente, a nossa presença na comunidade, com os fortes laços cultivados com a sociedade brasileira. A comunicação, assim, torna-se um dos mais expressivos pilares do sucesso da Nestlé. Contamos com o serviço de atendimento ao consumidor mais antigo do Brasil, fundado na década de 1930. Recebemos atualmente cerca de 10.000 contatos por dia, com sugestões e críticas, que merecem a nossa atenção a ponto de já terem motivado importantes iniciativas da organização, entre as quais, a criação de novos produtos: NINHO IDEAL e NESCAFÉ DOLCA e novas embalagens para produtos já existentes, como é o caso de BONINHO e a criação de uma lata de leite condensado especial para presente, que atende ao hábito de alguns consumidores. Qualquer companhia interessada em aproximar-se de consumidores de baixa renda terá pela frente, talvez como tarefa crucial, o aprendizado do estilo de vida de grupos com diferentes modelos de formação cultural. Além disso, terá que aprender como esses modelos determinam os hábitos de alimentação desses grupos. Não existe uma fórmula mágica para se

desenvolver projetos de regionalização no Brasil. As soluções que encontramos para descentralizar a produção e melhorar a distribuição revelam-se inovadoras e criativas, na medida em que têm sido adaptadas especialmente a cada região do país.

Hoje, comunidades às quais jamais havíamos tido acesso contam com a venda de produtos Nestlé, feita porta a porta. São também produtos modificados para atenderem às necessidades de cada localidade.

Costumamos dizer que a vantagem competitiva da Nestlé no Brasil é conhecer o país muito bem, e por muito tempo, além de participar da vida diária das famílias. Isso nunca foi tão real quanto hoje.

Inovação, criatividade e tecnologia são, também, algumas das nossas melhores aliadas para atingirmos os consumidores de baixa renda e implementarmos a regionalização. Essa inovação exige flexibilidade para mudar, como ocorreu no nosso modo de comunicar: mais do que expor produtos estamos marcando presença através de ações que tocam a vida das pessoas de forma positiva.

Foi isso o que aconteceu quando, através de uma campanha nacional, demos centenas de casas populares aos nossos consumidores. Também

aconteceu quando lhes oferecemos a oportunidade de, ao vivo, assistirem à apresentação dos seus ídolos de música, de torcerem pelo seu time de futebol no estádio ou de cantarem e dançarem com a escola de samba favorita. Em outros eventos, temáticos e religiosos, o patrocínio da Nestlé representou um reforço de laços com as comunidades locais. Esse aprofundamento de laços também é a recompensa que temos obtido em eventos que visem envolver pessoas – especialmente crianças – em hábitos de vida saudáveis, onde a nutrição desempenha um papel positivo.

Obviamente, os tradicionais comerciais de TV continuam sendo um meio de promover os nossos produtos. Encorajamos, cada vez mais, o que chamamos de “Marketing Inteligente”, reconhecendo os consumidores como indivíduos inteligentes e de idéias próprias.

A Nestlé toma por base a negociação no nível de ganha-ganha. É essa a negociação que adotamos perante a sociedade à qual servimos. E a nossa visão de futuro se baseia numa fórmula muito simples: Sucesso atrai sucesso porque somente uma empresa bem sucedida pode contribuir para uma sociedade sustentável. ■

Carnaval, samba lucro^e

Por: Zulmira Felício e Daniela Beilich

Da Redação



Império de Casa Verde



Império de Casa Verde, carro abre-alas

Marketing de relacionamento, insumos diretos, oferta de empregos formais são alguns dos benefícios gerados pelo reinado de Momo

Não tem como negar o Carnaval é a maior manifestação cultural do País. Samba, brilho, plumas, carros esplendorosos, luxo... São esses os elementos que fazem os carnavales paulista e carioca. O samba paulista, considerado mais pesado do que o do Rio de Janeiro, possui um ritmo mais forte fato que se justifica, pois esse é originário do batuque. Além de preservar a essencialidade o desfile de escolas de samba, com seus carros alegóricos e um intérprete cantando o samba-enredo, outro detalhe que vem se destaca-

cando na festa da capital paulistana, é a profissionalização que se instala a cada ano, gerando lucros e benefícios para a cidade.

Este ano, há expectativa dos organizadores é de atingir uma receita de R\$ 30 milhões, nos quatro dias de folia. “Ressalto como diferencial no Carnaval 2007 o consistente plano comercial, criado há algum tempo pela Liga Independente das Escolas de Samba, que encontrou respaldo nas parceiras B/Ferraz, empresa de eventos, e In-

gresso Fácil. A um mês antes do Carnaval, o projeto havia rendido R\$ 3 milhões à Liga.

O potencial de receita com ações (guias, placas publicitárias, impressão de logomarcas) é de R\$ 10 milhões, fora a bilheteria. Patrocinadores como Ambev, Nossa Caixa e Casas Bahia foram os primeiros a assinarem seus contratos”, comemorou Alexandre Ferreira, presidente da Liga, responsável pelo desfile e sua organização.

Como resultado dessa profissionalização, tem se observado o crescimento



Vai-Vai

de turistas de outros estados (25,6%) e estrangeiros (19%), segundo pesquisa realizada pela São Paulo Turismo (SP-Turis), que administra a festa. O estudo apurou que o gasto médio do folião vem crescendo de R\$ 235/dia (2005) para R\$ 248/dia, (2006).

“É preciso enxergar o Carnaval como um produto que dá lucro para a Cidade”, enfatiza o presidente da Liga. Afinal, o evento gera de 20.000 a 25.000 empregos diretos, principalmente no mês de fevereiro. As funções são diversas, desde costureiras e figurinistas a marceneiros, pintores de arte, engenheiros e escultores, dentre outros. Os empregos vão surgindo durante o ano, com maior intensidade nos meses de dezembro (aumento de 10%) e janeiro (20%). “Somente em dias de desfile,

registramos cerca de 6 mil pessoas trabalhando no sambódromo, sem contar o aumento do trabalho informal de prestação de serviços”, diz Alexandre Ferreira.

Além da geração de empregos (nas mais diferentes áreas: turismo, hotelaria, alimentação, segurança, transporte, varejo...), deve-se levar em conta os dados que ajudam a engrossar a Economia como um todo. Já se tornou comum integrantes de escolas de samba de outras regiões do País comprarem materiais específicos para fantasias, adereços e alegorias em São Paulo, possibilitando maior oferta de empregos formais, tanto na indústria quanto no comércio.

O progresso do carnaval paulista – atestado pelas imagens transmitidas

pela tevê – registra a vocação da cidade pelo turismo de negócios. Mais uma vez, este ano, as escolas se superaram na escolha de seus sambas-enredos, homenagens, na criação dos carros alegóricos e na confecção das fantasias. O alicerce para esse grande acontecimento está nas mãos de muitas Marias e Josés, que como em uma grande família, se unem para tornar possível essa realização, chamada Carnaval.

Folias, sem comparações

Carioca de nascimento e paulista por adoção, Thereza Santos, pesquisadora da cultura popular, e há 8 anos jurada do Prêmio Nota 10, concedido pelo

Jornal O Diário de São Paulo, desaconselha a fazer comparativos entre o carnaval carioca e o paulista, sendo que esse último tem crescido ano a ano. "Os carnavais são distintos conforme os valores de suas cidades. Falta a São Paulo um pouco mais de organização e a SPTuris precisa enxergar essa festa como um evento maior, como realmente ele é: uma manifestação cultural do povo brasileiro".

O ano de 2006 mal se despediu e o Rio de Janeiro já se fantasiou de Momo. Ocorrem comemorações memoráveis por toda parte - como os shows em Copacabana e Ipanema, organizados pela Prefeitura do Rio/Riotur. Durante as semanas que antecedem o período de folia, tanto o carioca como os turistas curtem a extensa gama de atrações carnavalescas, como os ensaios técnicos que acontecem na Pas-

sarela do Samba, os blocos e grupos de samba que preenchem o calendário de atrações das grandes casas de shows do Rio, principalmente as do boêmio bairro da Lapa.

A cada ano um maior número de foliões invade a Cidade Maravilhosa. A expectativa da Secretaria Especial de Turismo do Rio é de receber 694 mil turistas, nacionais e internacionais, gerando uma renda de U\$ 500 milhões.



Rosas de Ouro

Alegria e responsabilidade social

Os telespectadores da beleza e da alegria do Carnaval, e que lotam as arquibancadas dos sambódromos, talvez nem imaginem o trabalho social que é desenvolvido pelas escolas de samba

em prol de suas comunidades. Talvez, seja a forma de retribuir a dedicação e o esforço empreendido por elas para que a festa tenha sempre um brilho incontestável. A infra-estrutura que a

comunidade recebe envolve necessidades básicas, como a distribuição de alimentos, até cursos profissionalizantes. “Quando você vive em uma comunidade e no nosso caso, quando ela se torna uma família, você passa a compartilhar das alegrias, mas também das tristezas e das necessidades dessa comunidade. E da mesma maneira como um familiar de sangue, a quem você quer sempre o bem, você se envolve na vida dessas pessoas e procura fazer o possível por elas”, afirma a psicóloga e Diretora de Projetos Sociais da Rosas de Ouro, Vanessa Dias.

O trabalho de responsabilidade social desenvolvido pela Rosas teve início há 12 anos, quando o fundador e então presidente da escola, Ângelo Basílio, identificou que era grande o número de crianças da comunidade ao redor da agremiação que passavam o dia pedindo esmolas nos principais semáforos da Freguesia do Ó. O projeto inicial oferecia apenas o café da tarde para as crianças, que após a refeição retornavam às ruas. A solução encontrada, dentro das possibilidades da escola à época, foi a criação de três oficinas: balé, bateria-mirim e mestre-sala e porta-bandeira mirim, juntas intituladas de Projeto Samba se aprende na escola. “O primeiro mestre-sala da Rosas atualmente, foi um dos alunos da oficina de mestre-sala mirim. Por esse exemplo é que as crianças do projeto hoje sabem que com dedicação, disciplina e principalmente respeito, podem chegar ao posto de mestre-de-bateria, diretor de ala e outros postos importantes dentro da escola”, explica a psicóloga.



Ana, Ivone e Cláudia da Mocidade Alegre



Mocidade, malabares na quadra

Apoio psicológico

Atualmente, cerca de mil pessoas, de todas as idades são atendidas pela Rosas de Ouro semanalmente, nas quase 20 oficinas e cursos oferecidos para a comunidade. Há cursos na área de beleza, como cabeleireiro e entrelaçamento, manicure e depilação; alfabetização de jovens e adultos; atividades de ginástica para a 3ª idade e atendimento odontológico a toda a comunidade, são alguns destaques do projeto social da escola. Mas Vanessa explica que não é só isso: "Damos também todo o apoio psicológico a essas famílias, que nos procuram para pedir ajuda nos problemas de seus lares e que nos dão total abertura para interferir na educação de seus filhos, ouvindo nossas opiniões e em casos extremos, acatando às nossas decisões em relação às crianças, nos confiando autonomia para decidir qual a melhor decisão a ser tomada. Por isso, sabemos da importância de um trabalho como esse e dos frutos que ele nos oferece, e não há satisfação maior do que ver essas crianças crescendo com alguma qualidade de vida, com noções de respeito; ver as mães com auto-estima por aprenderem uma profissão, por se sentirem úteis de alguma forma. E ao contrário do que possam imaginar, não é um trabalho de doação, mas de troca, pois me sinto uma pessoa muito melhor com as coisas, verdadeiras lições de determinação, que eu conheci e aprendi durante esses dois anos e meio a frente do projeto social", completa Vanessa. O trabalho social desenvolvido pelas escolas é de tamanha seriedade, que transpõe a rivalidade comum entre elas durante o desfile. A Rosas de Ouro e

A Mocidade Alegre, outra agremiação com um trabalho intenso na área social da sua comunidade, são parceiras em alguns projetos, e trocam experiências freqüentemente sobre o que está, ou não, dando certo em seus núcleos. Segundo Érica Ferreira, Coordenadora de Projetos Sócio-Culturais da Mocidade, todas as escolas possuem praticamente as mesmas necessidades e o objetivo de fazer o bem é comum entre todas elas, por isso, ajudamos uma a outra sempre que existe essa possibilidade: "Não é de se estranhar que em uma manhã eu esteja na quadra da Nenê e à tarde a Vanessa esteja aqui, pois elaboramos projetos em parceria. Além disso, se uma pessoa da minha comunidade precisar de um atendimento que a Rosas de Ouro possua e nós ainda não, não terei qualquer acanhamento em direcioná-la para lá, pois sei que ela será bem atendida por eles, da mesma forma que qualquer pessoa de lá que nos procure será atendida da melhor maneira", esclarece Érica.

A força do voluntariado

Baiana da escola, Ione Ribeiro dos Santos, de 49 anos de idade e 21 de Mocidade Alegre, é uma das beneficiadas pelo projeto social e já participou de diversas oficinas. "Aqui eu já fiz ginástica, teatro e aprendi, principalmente com o teatro, a ver o mundo de uma outra maneira. Vi que eu tinha muita capacidade e condições de criar, de fazer coisas novas. Tenho na Mocidade uma escola de vida, de arte e de carnaval. A gente chega aqui, começa a participar e não quer mais ir embora. Eu tenho um metro e cinqüenta, sou baixinha, considerada gorda, mas aqui eu passei a fazer ginástica e a trabalhar com o meu corpo como eu não imaginava que eu fosse capaz. Esse lugar é uma verdadeira injeção de auto-estima nas nossas vidas". Além de participar das oficinas, Dna. Ione participa como voluntária em outras ações da escola. "É o mínimo que eu posso fazer para retribuir o que a Mocidade têm feito por



Dia da Ação Social na Nenê de Vila Matilde

mim". Érica Ferreira destaca que é fundamental a participação de voluntários: "Sem eles, a realização de muitas dessas atividades se tornariam inviáveis".

Dos projetos e ações sociais promovidos pela escola de samba, somente as oficinas Ritmo Puro, de percussão popular e Criança Contemporânea é Silva e Moreira, para mestre-sala e porta-bandeira recebem o apoio da Secretaria Municipal de Cultura. As demais são mantidas pela comunidade interna da escola, através de doações financeiras e/ou disponibilidade de tempo. "A maioria dos professores de nossas oficinas, como as de bateria, ginástica e inglês, são membros da própria escola que conhecem a seriedade do nosso trabalho e disponibilizam o seu tempo voluntariamente, sem qualquer tipo de remuneração, mantendo esse desafio. E graças a Deus, nós estamos conseguindo".

Parceira da Unipalmares

Na região central de São Paulo, principalmente no Bexiga, os diversos trabalhos de ação social da Vai-Vai também são considerados fundamentais para a comunidade da região. "Nossa comunidade é carente sob todos os aspectos, por isso qualquer iniciativa da escola recebe total apoio da população que durante o ano todo nos procura", comenta Niltes Aparecida Lopes de Souza, uma das diretoras do DASC, Departamento de Assistência Social e Cultural da Vai-Vai, responsável por grande parte dos projetos sociais desenvolvidos pela escola.

Atualmente a Vai-Vai, que também é parceira da Unipalmares em projetos na área educacional, atende a comu-



Oficina de cerâmica, Vai-Vai

nidade, principalmente crianças, em atividades como teatro, oficina de vídeo-produção e bateria-mirim, através do Projeto Barracão, com o apoio da Secretaria Estadual de Cultura, que também patrocina o projeto São Paulo Estado de Leitores, mantendo uma biblioteca na quadra da escola de samba e formando orientadores de leitura dentre os próprios membros da comunidade. Além das iniciativas em parceria com o Governo Estadual, a partir de março de 2007 a agremiação, iniciará um projeto desenvolvido pela mesma, que levará o título de *Vai-Vai Brasil*. Pedro de Souza Epifânia, também diretor do DASC, é quem coordena a nova empreitada e pretende contar com o apoio da iniciativa privada. "Atenderemos a todas as idades, mas principalmente ao jovem, com o intuito de diminuir os índices de criminalidade através de um processo de socialização. Queremos dar uma opção aos adolescentes para tirá-los das ruas e oferecer uma condição de capacitação. E toda a sociedade tem o dever de participar, pois essas pessoas também são

partes do Brasil de amanhã, que precisa ser um País melhor". Pedro, já foi morador de rua e esteve na Febem.

Multiplicando ações

Entre a correria dos últimos preparativos para o desfile, Iracema, primeira-dama da Nenê de Vila Matilde, ainda encontrou tempo para organizar o Dia da Beleza, que no último dia 3 de fevereiro embelezou a comunidade para o desfile. "Queria toda a minha comunidade bonita na avenida no dia do desfile, por isso trouxe cabeleireiros e manicures para prepará-las para o grande dia, pois acredito que a beleza exterior reflete diretamente na auto-estima e alegria das pessoas". O evento foi organizado em parceria com o Instituto Embelezze, que levou cerca de 65 profissionais para a quadra da escola. Rodrigo Saudero, representante do Instituto, falou da importância de ações sociais em parceria com a Nenê de Vila Matilde. "Ficamos gratos em



Unidos de Vila Maria

poder oferecer nosso trabalho a uma comunidade tão preocupada com a valorização de seus componentes e estaremos à disposição sempre que solicitados". Iracema completa: Nada mais justo que retribuir a comunidade por ela fazer da Nenê essa grande escola.

O espaço da quadra é de todo mundo e nosso dever é fazer dele um espaço ativo, que traga benefícios a todos". De fato, a quadra da escola é muito movimentada pelos cursos e oficinas do projeto social. Panificação, reforço escolar, cursinho pré-vestibular e de in-

clusão digital, Viva Leite e Tesourinha são alguns dos projetos permanentes na escola. Além desses, existem ainda os projetos multiplicadores, como o de reaproveitamento de alimentos que formou 30 mulheres que repassaram os conhecimentos adquiridos para outras 120, expandindo as informações para toda a comunidade azul e branca. Em 2007, sob essa mesma perspectiva, a Nenê colocará em ação o Projeto Sorriso, na confecção de próteses dentárias. O projeto será ministrado por Edson Jr., membro da comunidade que

fez o curso graças ao amparo da Nenê. "Ele não tinha dinheiro para comprar o material para o curso e recorreu à escola. Ajudamos com o dinheiro e hoje, ele formado, quer repassar o que aprendeu para outras pessoas, como forma de agradecimento", explica a primeira-dama. As próteses confecionadas serão distribuídas entre a própria família Nenê de Vila Matilde. "Tenho muitas baianas, velhinhos, com o sorriso escondido pela falta de dentes. Mas agora vamos colocar um sorriso em todas elas", finaliza.



Sambódromo, Rio de Janeiro

Na Cidade Maravilhosa

É bem provável que o mesmo sentimento que envolve o garimpeiro ao lapidar um diamante, seja muito próximo da alegria de Célia Regina Domingues que há anos arregaça as mangas para colocar, em prática, os trabalhos sociais dentro dos barracões das escolas de samba, no Rio de Janeiro. Seu trabalho teve início em 1995 quando o marido, Elmo José dos Santos, assumiu a presidência da Mangueira e a deixou com a incumbência de atuar na área social da escola. “Há algum tempo, trabalhava numa empresa vizinha da escola e, sempre que possível, descobria um modo de obter patrocínio para alguma ação, até porque nasci na Mangueira”, narrou Célia

Em 1998, com a criação da Amebras – Associação das Mulheres Empreendedoras do Brasil, o trabalho de Célia Regina foi tomando vulto, sendo levado para outras escolas de samba, além da escola do coração. Ciente de que o Carnaval hoje é um excelente negócio que movimenta bilhões em reais, permitindo empregabilidade o ano todo, devido à necessidade premente da oferta de produtos de qualidade direcionados aos milhares de turistas, inclusive do exterior, a Amebras partiu para o desenvolvimento de Projetos de Qualificação Profissional com verdadeiras oportunidades de trabalho, principalmente nesse mercado em particular. Assim sendo, desde 2002, a Associação atua

em parceria com a Liesa - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (hoje, também com a Cidade do Samba) em todos os pro-



Célia Regina

jetos sociais. A Amebras atua na área executiva, sob a orientação geral de Célia Regina, atual coordenadora de projetos sociais da Cidade do Samba, inaugurada em setembro último.

A coordenadora explica que o projeto “Carnaval e Cidadania” compreende três fases: Oficina de Moda de Carnaval, Armazém de Samba e Unidos pela Cidadania todos de qualificação voltados tanto ao mercado da festa de Momo, como também proporcionando ao participante a oportunidade de atuar em outras áreas.

Oficina de Moda de Carnaval – em parceria com a Secretaria Especial de Política para as Mulheres e o Ministério do Turismo, destina-se às mulheres de baixa renda, chefes de família e vítimas de violência doméstica que são preparadas para atuarem em segmentos de modelagem, costura, bordados etc.

Armazém de Samba – em conjunto com o Ministério do Turismo, implanta espaços físicos para que os alunos tenham local adequado e equipado para marcenaria, estamparia, atelier de costura, sala de aula e loja.

Unidos pela Cidadania – com o apoio do Ministério do Trabalho, qualifica pessoas na própria comunidade que vão atuar na Cidade do Samba. Para quem não tem condições de sair da comunidade, as oficinas são levadas até eles.

Todos os programas são desenvolvidos em parcerias com o poder público e também contam com a iniciativa privada. Sem dúvida, é uma tarefa árdua, mas satisfatória, uma vez que lida com as necessidades das pessoas de qualificação e de emprego, in-



Oficina, Cidade do Samba, RJ

cluindo a burocracia que envolve os organismos do governo. “Quando o profissional dirige-se para o estágio ou mercado de trabalho, com ideais éticos, de cidadania e de sustentabilidade, nos sentimos gratificados”, orgulha-se Célia Regina.

Ao longo dos últimos 4 anos, os projetos sociais foram responsáveis pela qualificação e colocação de quase 18 mil pessoas e já direcionou ao merca-

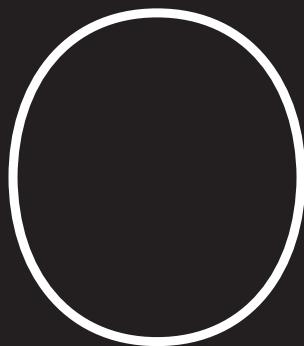
do de trabalho - formal e autônomo - mais de 65% destes novos profissionais, nos mais diversos segmentos, além de Carnaval, como televisão, teatro e eventos em geral. Esse é um número que certamente faz brilhar os olhos de quem dele participa – professores, equipe técnica, coordenadores etc. – do mesmo modo como deve cintilar os olhos de um garimpeiro diante da pedra preciosa. ■

PARA AQUELES QUE AINDA
ACREDITAM QUE A COR
DA PELE TORNA UMA PESSOA
DIFERENTE DA OUTRA.



afrobras
Sem educação não há liberdade

www.afrobras.org.br



negro na história do carnaval de São Paulo

*Por: Maria Apparecida Urbano,
autora do livro Carnaval & Samba em Evolução – Na Cidade de São Paulo*

O Carnaval é uma festa popular que vem através dos séculos, envolvendo quase todos os países do mundo. Seu objetivo é proporcionar liberdade, descontração, prazer e alegria, levando em conta que o período carnavalesco é muito curto e ansiosamente esperado durante o ano.

Com a chegada dos escravos vindos de diversas regiões da África o Brasil recebeu, além da mão-de-obra valiosa, dos ritos e costumes, sua dança e o batuque. A história nos ensina, que no decurso dos séculos, um povo, para sobreviver, tem que defender suas raízes e conservar suas tradições, o que inegavelmente é uma grande verdade.

As raízes culturais vindas da África fincaram-se neste solo abençoado, permanecendo até hoje. As tradições trazidas por esse povo foram sendo espalhadas por todo o território brasileiro, unindo os homens e fazendo crescer não só o batuque, espinha dorsal da cultura sambística, como também os costumes e experiências, transmitidas com muita força de vontade de geração em geração.

Em São Paulo, quando os navios negreiros aportavam em São Vicente, os negros

eram separados de seus familiares ou conterrâneos e levados para os mais diversos lugares do interior. Nas senzalas, quando permitidos pelos seus senhores, formavam o batuque, com auxílio do tambu, instrumento feito de tronco de árvore ocado, tendo em uma das extremidades um couro bem esticado de animal, para dar o som.

Por ocasião das festas religiosas de seus senhores, as danças eram permitidas nos terreiros das casas grandes, sendo, aos poucos, transferidas para as festas religiosas da Igreja Católica. A forma encontrada pelos negros para cultuarem suas crenças foi transferir o nome de seus Orixás para os Santos da Igreja Católica.

Nas procissões os senhores levavam suas escravas domésticas vestidas com saias engomadas e turbantes, que faziam um belo visual, e as colocavam no começo das procissões como um chamariz. À sua frente vinha o som de um instrumento de percussão feito de bambu, acompanhado por um grupo de negros vestidos com trajes indígenas; eram os Caiapós, o primeiro cordão de que se tem notícia em São Paulo.

No retorno das procissões, não era permitida a entrada na igreja das negras e dos negros com os instrumentos, permanecendo no adro dela onde era permitido o batuque. Com o passar dos anos essas manifestações foram definitivamente proibidas.

Em alguns bairros os negros faziam o batuque nas festas religiosas ou em seus terreiros, como na Liberdade na festa de Santa Cruz; na Bela Vista na festa de Nossa Senhora Chiropita; no terreiro do Zé Soldado na Saúde; no reduto negro da Barra Funda. Em todos esses batuques havia não só a participação de negros, como também de brancos e mulatos, geralmente de classes sociais mais humildes.

O fortalecimento do batuque, posteriormente do samba paulista, se deu na cidade de Pirapora do Bom Jesus, onde muitos anos antes da libertação dos escravos, eram feitas romarias em louvor ao Santo. Por haver uma participação muito grande de romeiros vindos de diversas cidades do interior e da capital, foram construídos barracões para abrigarem os romeiros. Neles, depois de homenagear o Santo,

a comunidade negra se reunia para realizar o batuque. Essa era também uma forma dos negros de São Paulo trocarem informações com os de diversas cidades do interior do Estado. Nessas festas muitas famílias, separadas na sua chegada ao Brasil, se reencontravam.

Os grandes sambistas da capital e suas famílias participavam dessas romarias, e muitos eram batizados não na igreja, mas sim nos próprios barracões, ao som do batuque.

Todas as informações colhidas em Pirapora fortaleceram dados sobre o samba paulista, um samba considerado mais pesado do que o do Rio de Janeiro, isto é, com um ritmo mais forte, porque teve raízes no batuque.

Uma forma encontrada pelos negros para participarem no carnaval dos brancos foi a apresentação do grupo Caia-pós, durante o carnaval. Aos poucos vão aparecendo novos cordões e blocos, criando-se então as “Pequenas Sociedades”, que organizaram, com o auxílio do jornal *Correio Paulistano*, o “Dia dos Cordões dos Negros”.

Por volta de 1934, surgiu a primeira Escola de Samba, denominada “Escola de Samba 1ª de São Paulo”, fundada por Eupídio Faria, um negro muito respeitado e dinâmico. Foi detentora de muitos prêmios, enquanto existiu, pois só se têm notícias de suas apresentações até 1942. Durante a II Guerra Mundial todos os eventos carnavalescos foram suspensos, tanto das Grandes Sociedades que eram dirigidos pelos clubes da elite paulista, como das Pequenas Sociedades que abrangia as Escolas de Samba, Blocos e Cordões.

Na década de 30, existia um cordão chamado “Baianas Teimosas”, que em 1937 se transformou na Escola de Samba Lavapés, fundada por Eunice Madre e Chico Pinga seu marido. Essa é a mais antiga Escola de



Cida Urbano

Samba de São Paulo, pois, não só perdeu durante a guerra, fazendo seus ensaios na casa da “Madrinha Eunice”, como está em plena atividade até hoje.

Muitas outras Escolas de Samba comandadas por negros foram criadas em São Paulo, porém poucas conseguiram manter esse comando.

Quando as Pequenas Sociedades começaram a se apresentar durante o carnaval pós-guerra, elas eram perseguidas pela polícia. A maneira encontrada por elas para poderem se apresentar foi organizar uma Comissão de Frente com pessoas brancas da sociedade do seu bairro, respeitadas pelas autoridades, como advogados, escreventes de cartórios, dentistas, comerciantes etc.

Torna-se marcante daí para frente a presença de brancos nas Escolas de Samba, chegando ao ponto de negros, antes dirigentes e desfilantes, tornarem-se em sua maioria meros espectadores.

Com o ingresso maciço dos meios de comunicação, exaltando principalmente figuras políticas e artísticas, e o elevado custo das fantasias, os participantes negros das escolas, que marcam nelas sua

presença o ano todo, principalmente durante os ensaios, infelizmente, na sua maioria, não têm condições financeiras para desfilar na avenida.

Essa inversão de valores é constrangedora, pois, apesar das Escolas de Samba tornarem-se o maior espetáculo da terra, os antigos divulgadores do samba hoje perderam seu prestígio. Hoje é comum encontrarmos dirigentes de Escolas de Samba em sua maioria brancos, com grande poder aquisitivo e político, mas que das raízes e da cultura negra nada sabem, ou querem saber.

Hoje os espectadores dos desfiles na passarela pertencem a uma sociedade de poder aquisitivo mais elevado. Porque, para se manter em evidência durante o carnaval, o samba escancarou suas portas, deixando-se invadir pela mídia, pelo consumismo, esquecendo que o espetáculo é ele que faz, com suor e dedicação, e se o samba não houvesse tido toda essa trajetória vinda dos nossos antepassados negros, jamais teria conseguido o seu lugar de destaque. ■

O Nenê que fez a história

A tranquilidade e delicadeza encontrada ao entrar na sala para a entrevista parecem não se encaixar ao fato de ser ele um dos grandes responsáveis, se não o maior deles, pela grandeza do que hoje é o carnaval paulista.

Aos 93 anos, Alberto Alves da Silva é mesmo conhecido e respeitado no mundo do samba como Seu Nenê, aquele lá, da Vila Matilde.

Mineiro, mudou-se para São Paulo aos 8 anos, e foi na capital paulista que ele foi apresentado ao samba, seu companheiro para toda a vida. “Tudo começou de brincadeira. Eu aprendi e gostava de cantar as músicas daquela época, mas ainda não era nada de carnaval. De uma lata de goiabada eu fiz um ‘pandeirinho’. Furei do lado, amassei tampinhas de garrafa e emendei na lata com arame de galinheiro, para dar o barulhinho”.

No início da década de 40, ao lado dos irmãos Iaiá e Didi, que como ele foram apelidados pelos pais ainda na infância, o então somente, Nenê, formou um conjunto regional, sempre convidado a se apresentar em



Lindas canções e alguns acasos, na lembrança de seu protagonista, compõem a trajetória do mineiro que, de sua história de amor ao samba, deu vida e grandeza ao carnaval paulistano

batizados e casamentos, como relembra o componente. “Éramos do tempo da guerra, viemos desde 37 e só quando acabou a guerra, que eles disseram ‘o alemão (Adolph Hitler) não vem mais’, é que o povo se soltou de novo e São Paulo, na verdade o Brasil todo, voltou a se animar”. Com a euforia, o conjunto regional de seu Nenê passou a receber novos integrantes. Em 1947, já eram três violões, dois cavacos, os atualmente raros violões dinâmicos, surdos e tamborins — “uma orquestra”, nas palavras de Seu Nenê, que nessa época já morava na região de Vila Matilde.

Foi no bairro, especificamente no Largo do Peixe, onde as pessoas se reuniam para cantarem e ouvirem a música dos amigos, é que surgiu a idéia de formação de uma escola de samba. “Aquele bando de homens juntos, cantando, tocando e de repente apareceram três moças que pediram pra cantar. E cantaram sambas bonitos, todo mundo gostou. Um deles era aquele- ‘Música maestro,



Seu Nenê

quero ver o meu amor dançar, que bom ieié, que bom iaiaí- , uma outra também cantou uma música da Emelinha Borba e aquilo pegou fogo, a cuíca falava, uma alegria só! Aí o pessoal deu a sugestão da gente se reunir e formar uma escola de samba. Foi aí que estava começando o nosso carnaval”, finaliza.

Em 31 de dezembro de 1949, faltava apenas decidir o nome a ser dado a escola, e na hora da decisão final,

Nenê, no conjunto regional, Nenê do Pandeiro, se aproximava. Vendo o negro esguio, alguém questionou quem era o homem, a quem se referiram como “o compridão”. Dada a resposta veio a sugestão do nome, que há 58 anos está a frente da escola. Nascia a Nenê de Vila Matilde, mas o próprio não deu muita atenção: “Eu pensava ‘tudo bem’, porque pra mim, passando o carnaval nada daquilo ia pra frente”.

Onze títulos — o primeiro deles conquistado em 1956 com o enredo “Casa Grande e Senzala” — talento, respeito e amor pelo carnaval fizeram de Seu Nenê, símbolo da história do carnaval paulista. Em 1996, passou a presidência da escola para o filho, Alberto Alves da Silva Filho, mas mantém-se participativo frente à escola, sua vida, e todo o carnaval. Modesto, em sua opinião nada, mas fez do que “samba com amor, porque o samba não é pra qualquer um”. Daquele tempo, sente saudades da paixão pelas “músicas lindas” e do desejo que sentia de que logo chegassem o próximo carnaval. ■



audades do crescimento

Por: Gesner Oliveira, doutor em Economia pela Universidade da Califórnia (Berkeley), presidente da Sabesp

Não
dá para dis-

farçar a dor de cotovelo com o resultado da corrida do desenvolvimento das últimas décadas. O Brasil, que já foi campeão de crescimento, está em penúltimo lugar nas projeções de PIB para 2007 entre as 25 maiores economias emergentes, segundo relatório das Nações Unidas divulgado nesta semana. Os artigos desta coluna procuraram refletir sobre essa frustração.

O Brasil assistiu o sucesso da Irlanda a partir dos anos setenta; a rápida integração de Portugal e Espanha ao bloco europeu a partir dos oitenta. A transformação do Chile e a ultrapassagem do México nos noventa. E, neste início de século XXI, o contraste com o fenômeno China e a perda de oportunidade representada pela expansão mundial.

Um país com tantas mazelas sociais como o Brasil não pode se dar ao luxo de desperdiçar chances de ouro. O problema é como romper com quase três décadas de semi-estagnação de maneira duradoura. Ao reler os 344 artigos (escritos para a coluna da Folha S.Paulo) desde 10 de junho de 2000, é possível identificar temas comuns e perceber uma insatisfação com o debate nacional sobre a questão econômica.

Em primeiro lugar, é equivocada a esperança cega de que haverá um dia D das reformas. O desenvolvimento de uma economia em transição como a brasileira requer um fluxo contínuo de mudanças estruturais que vão muito além de alterações formais ou de novas siglas, como a do esperado pacote de aceleração econômica (PAC). A mudança real

exige estratégia, amadurecimento institucional e uma nova cultura. É processo que requer tempo e transcende os ciclos presidenciais.

Em segundo lugar, é falso o dilema entre aqueles que rechaçam qualquer tipo de ação do Estado para induzir o desenvolvimento e os que gostariam de voltar a um passado de intervencionismo. Colocado nesses termos, o ativismo governamental e a preocupação com as instituições acabariam erroneamente em pólos opostos. Em um extremo, é como se o Estado pudesse ser dirigido por uma espécie de piloto automático. Em outro, é como se governantes bem-intencionados e esclarecidos pudessem maximizar o bem-estar da sociedade independentemente da qualidade das instituições.

Nenhuma das alternativas serve ao Brasil. O segredo reside em conciliar o ativismo da política pública com uma engenharia institucional adequada. Esta expressão pomposa designa a construção de instituições capazes de conferir transparência e credibilidade à política pública.

Em terceiro lugar, houve uma preocupação em valorizar temas normalmente esquecidos no debate. Durante décadas o foco recaiu quase que exclusivamente nas questões macroeconômicas. A gravidade do problema inflacionário entre os anos cinqüenta e noventa torna compreensível tal fenômeno. A estabilização da economia a partir do Plano Real permitiu, por exemplo, que questões como a da regulação e da defesa da concorrência ganhassem importância.

É ilustrativo a este respeito o debate em torno das agências reguladoras. É inegável que o Estado tem um importante papel a cumprir em setores de base. O aumento do investimento público constitui uma das condições essenciais para evitar o apagão geral da infra-estrutura. Porém, a ação estatal apenas será eficaz se a arquitetura institucional for adequada para reduzir a insegurança jurídica. Infelizmente, o enfraquecimento das agências reguladoras federais aponta na direção oposta àquela que seria necessária para reduzir a incerteza e estimular o investimento produtivo. Hoje termino período de quase sete anos de colaboração semanal nesta coluna (passou rápido, mas daria para ler com folga a Montanha Mágica de Thomas Mann). A partir de segunda, passo a me dedicar a novos desafios na administração pública indireta. Houve uma única interrupção quando, por conta de um desses excessos de workaholismo, fui parar no hospital.



Gesner Oliveira

Recebi muitas mensagens contendo críticas e sugestões aos artigos. Esta interação é a melhor parte do trabalho do colunista. Uma seleção revisada dos artigos já deveria estar no prelo para virar um livro (ou dois). É uma retribuição modestíssima pelo privilégio deste encontro semanal com os leitores da Folha. ■

críticas e sugestões aos artigos. Esta interação é a melhor parte do trabalho do colunista. Uma seleção revisada dos artigos já deveria estar no prelo para virar um livro (ou dois). É uma retribuição modestíssima pelo privilégio deste encontro semanal com os leitores da Folha. ■

P roposta exeqüível para o crescimento

Por: Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)

A meta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de promover expansão do PIB superior a 5% em 2007, expressa, na verdade, o angustiante anseio dos brasileiros. Assim, independentemente das razões que nivelaram o crescimento de nossa economia ao de países paupérrimos, é prudente arregaçar as mangas, vislumbrar o futuro imediato e trabalhar para a remoção dos obstáculos. O crescimento é possível, evidencia trabalho conjunto da Fiesp e do Iedi, encaminhado ao presidente Lula. Quais desafios devem ser vencidos? Basta ao governo auscultar as análises consensuais dos setores produtivos para ter um diagnóstico preciso: as atuais taxas de câmbio e juros reprimem o nível de atividade; os gastos da área governa-

**Legítima exigência:
crescer 5% em 2007 é
o mínimo que a Nação
reivindica**

mental são excessivos e de baixa eficiência; o investimento público federal é insuficiente; o sistema previdenciário é insustentável e requer urgente reforma; a carga tributária é excessiva e tem tributos de má qualidade.

A realidade das duas últimas décadas deixou claro que o conformismo com medidas de baixa intensidade significa, na prática, compactuar com a mesmice. É preciso discutir o que pode — mesmo! — ser feito para vencer os imensos desafios. Os céti-

cos quanto à possibilidade de adoção de medidas de ajuste mais incisivas, que se deixam seduzir pelo mais fácil ou ações paliativas, conspiraram a favor do risco de o Brasil permanecer, em 2007 e nos anos seguintes, como se encontra hoje.

Considerando a viabilidade do crescimento sustentado, devemos propor e cobrar a mudança da política econômica. A idéia é que o novo enfoque comece por estabelecer metas de crescimento para os anos subseqüentes, que condicionariam outros objetivos, como os patamares de inflação, investimento público e redução do endividamento. Não pode haver conflito entre as metas de expansão do PIB e as políticas fiscal, monetária e cambial. Essa evolução não significa abdicar do controle inflacionário.

Aspecto relevante dessa proposta é a coordenação das estratégias de cunho fiscal, tributário, monetário e cambial, de modo a abrir caminho para o crescimento. Desarticuladas, essas ações são ineficazes. Exemplo: cortar despesas discricionárias correntes sem realizar ampla reforma na previdência é quase inócuo. Da mesma forma, reduzir os gastos correntes como proporção do PIB, sem direcionar parte dessa economia à desoneração tributária e elevação do investimento público, significa mitigar o crescimento.

No campo fiscal, o objetivo passa a ser o superávit nominal (e não mais primário) da União. Para isto, são imprescindíveis as seguintes medidas estruturais: redução ambiciosa das despesas financeiras; revisão geral dos gastos correntes; novo modelo de gestão de ativos públicos; reforma previdenciária; e combate à ineficiência. Tais propostas suscitam abertura de uma série de canais para a expansão econômica.

Em primeiro lugar, o superávit nominal acentuará a visão da trajetória de queda da relação “Dívida/PIB”, abrindo espaço ao declínio drástico da taxa básica de juros. Concomi-



Paulo Skaf

tantemente, será observado aumento do crédito ao setor privado, parte do qual será direcionada aos investimentos. Somam-se a isso a elevação dos investimentos públicos federais e a paulatina queda da carga tributária. Estarão, enfim, estabelecidas as precondições ao sonhado crescimento econômico superior a 5%. A política cambial é estratégica nesse novo enfoque. O maior crescimento estimulará as importações, e a redu-

ção do diferencial de juros externos e internos implicará menor pressão de valorização da moeda doméstica. Ambos os fatores contribuirão para depreciar a taxa de câmbio. Além disso, o superávit fiscal disponibilizará mais recursos à atuação do Banco Central no câmbio, e o alinhamento da taxa interna de juros à internacional reduzirá o custo da política cambial. Com isso, será possível reduzir a volatilidade do câmbio e evitar taxas que desestimulem a produção doméstica. Para desencadear todo esse processo, são preponderantes as reformas estruturais e o controle dos gastos. Tais medidas podem ser traduzidas pela redução do gasto primário federal de 1,8% do PIB, já em 2007, e queda da despesa financeira de 2% do PIB. O investimento público da União passará de 0,6% do PIB, em 2006, a 3,2%, em 2010, contribuindo para reduzir os riscos de falta de energia e os demais gargalos da infra-estrutura. É importante enfatizar: crescimento econômico não é incidental. Resulta de obstinada estratégia de planejamento, coordenação de políticas, metas e boa governança.



inserção do Brasil

*Por: Abram Szajman, presidente da Federação do
Comércio do Estado de São Paulo*

O Brasil chegou ao mundo globalizado do século 21 atrasado e com um bilhete de segunda classe. Nossa comércio internacional cresceu, mas ainda somos basicamente exportadores de commodities agrícolas e minerais. Temos cerca de 3% da população mundial, mas nossa participação no comércio internacional é de ínfimo 1% do total, muito abaixo de países bem menores, como a Coréia do Sul. Apostamos as fichas de nossa diplomacia num lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU e no êxito da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio

(OMC), mas até o momento essas aspirações não passam de miragens. Participamos de um bloco regional, o Mercosul, mas carecemos de uma estratégia para acordos bilaterais.

Esses problemas evidenciam que nos falta um projeto para orientar a inserção do Brasil no cenário mundial que corresponda ao tamanho e ao potencial econômico do nosso país. Para isso é preciso que os brasileiros estejam corretamente informados sobre as ações adotadas por nossa diplomacia, de modo a compreender suas razões e apoiá-las enquanto

objetivos estratégicos nacionais, que podem e devem transcender governos e partidos. E, para se chegar a um consenso sobre os rumos a serem seguidos, devemos preliminarmente reverter o distanciamento que a maioria das pessoas sente em relação a esses temas, que julgam dissociados de seus problemas cotidianos.

Embora grande parte da sociedade ignore, a integração do Brasil no mercado mundial é uma realidade que vem do nosso passado colonial e dos ciclos econômicos baseados em monoculturas de exportação, como o

café e o açúcar, até a recente inversão da mão de direção de nossa balança comercial, que passou de um déficit de R\$ 7 bilhões, em 1997, para um superávit de R\$ 44 bilhões, em 2005. Outros êxitos de nosso comércio externo podem ser contabilizados neste início do século 21: a conta corrente de R\$ 24 bilhões de déficit em 2000 se converteu em R\$ 14 bilhões de superávit em 2005. A soma de importações e exportações hoje atinge 25% do produto interno bruto (PIB), quando era de apenas 11% no início da década de 1990.

Do ponto de vista das negociações internacionais, o Brasil também tem se destacado como articulador do G-20 na OMC e em vários painéis, como o do algodão e o do açúcar. Para além das commodities, a luta por mercado para os aviões da Embraer se tornou emblemática aqui no Brasil e lá fora. Entretanto, apesar desses avanços, o Brasil patina no inexpressivo e já mencionado 1% do comércio mundial.

Vale dizer, somos ainda parte muito pequena de tudo o que acontece. As razões desse atraso são diversas. Falta de consenso operacional sobre comércio externo, tanto no que diz respeito ao governo como no que concerne aos empresários. Outro obstáculo é a overdose de geopolítica nas relações internacionais. É óbvio que nossas relações com países como China, Argentina, Venezuela, Bolívia, Índia ou África do Sul não são de natureza apenas comercial, mas os interesses comerciais existem e devem ser



Abram Szajman

igualmente considerados como objetivos estratégicos.

Nos últimos anos, o Brasil tem logrado êxitos macroeconômicos, como inflação baixa e expressivos superávits comerciais, mas a continuidade desse processo depende de um salto de qualidade em nossa estrutura produtiva. Do total das exportações brasileiras, 60% são produtos pouco ou nada elaborados, o que significa estar na contramão da tendência do comércio

mundial, que tem os mesmos 60% das transações representadas por produtos que incorporam avanços tecnológicos.

{...} Mas, até para termos êxitos em metas ambiciosas como esta, é preciso que nossa fatia no comércio mundial seja maior, pois em negociações internacionais pode mais quem compra ou vende mais. E quem, a par de seu tamanho, sabe escolher aliados e estratégias de inserção no mundo globalizado. ■

Histórias de quem venceu o preconceito

Criatividade, um sonho e muita determinação. Esses foram os ingredientes da receita que transformaram a cozinheira Rita de Cássia na escritora Rita Soós. Com uma coleção publicada, composta por cinco livros infantis, a doméstica mostrou que apesar da profissão, pouco valorizada, ela perseverou e venceu.

O início como escritora seguiu em paralelo com a história de vida de Rita, que desde o início traçou o objetivo de, de alguma forma, promover ações sociais através do seu trabalho. Mineira, foi mandada para um orfanato no interior de São Paulo onde permaneceu até os 13 anos, foi quando deci-

diu tentar a vida sozinha. Morou nas ruas até chegar em São Paulo e encontrar na cidade a cena que lhe serviu de inspiração para o seu primeiro conto. “No centro de São Paulo presenciei uma cena, de um bando de garotos de rua assaltando pessoas. Aquela situação me chocou muito, pois eles eram de todas as idades e cometiam o delito sem qualquer preocupação. Foi então que eu decidi escrever baseada nesse episódio, a história desses meninos, que pouco a pouco foram morrendo até que sobrou apenas um, e esse possuía uma linda história de vida, estava nas ruas por ter se perdido da família que com muito amor,

ansiosamente procurava por ele”. O conto inicialmente batizado como “O último dos trombadinhos”, foi finalizado sob o título de “Um certo menino de rua”.

A idéia de lançamento da primeira coleção foi estimulada pela família, amigos e antigos patrões da cozinheira, que perceberam seu talento. Entretanto, o caminho percorrido até a noite de autógrafos, que aconteceu na suntuosa Casa da Rosas, na Avenida Paulista, em São Paulo, foi árduo. “Foram muitos “não” e eu cheguei a pensar que não seria possível, mas o “sim” que eu recebi foi suficiente para recompensar todo o



Rita Soós

meu esforço”, recorda-se a autora. Segundo ela, o preconceito foi um dos principais obstáculos para a demora na realização de seu trabalho. “Muitos, ao saberem que eu era cozinheira e negra, nem se quer dispunham-se a conhecer o meu trabalho, ver o meu material. Consideravam que pela minha raça e minha profissão eu não era capaz de produzir algo de bom”. Felizmente o trabalho da autora caiu nas mãos de pessoas dispostas à ajudá-la e em 2001 foi lançada a coleção infantil “Amigos do Pirinho”, com o patrocínio de empresas multinacionais como Oracle e Dédalus, o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de SP, a Força

Sindical e a rede de restaurantes Viena. Os títulos da coleção, que tiveram tiragem de mil publicações, foram: Pirinho, O vampiro de um dente só; As aventuras de Dolpi & cia.; Quer jantar conosco?; A varinha mágica e Meu bichinho de estimação.

Com sua coleção vendida para as escolas públicas e particulares, e esgotada rapidamente, Rita Soós pôde realizar o sonho de ajudar ao próximo, objetivo principal de todo o seu trabalho. Parte de tudo que arrecadou foi doado para a Instituição São José, que atende a crianças carentes e passava por grande dificuldade financeira. “Alcancei meu objetivo e pude ajudar para que outras crianças e

jovens não passem pelo que eu passei.” Atualmente a autora se dedica a um novo projeto, dessa vez para o cinema, também na área infantil. Um conto de natal na terra do esquecimento é um musical que aborda o tema da exploração do trabalho infantil ao mesmo tempo em que renova a lenda do natal no imaginário das crianças. “Estou ciente de que terei mais uma grande batalha pela frente, mas agora tenho a certeza de que posso conseguir”, conclui a escritora, que espera conseguir despertar o interesse de produtores de cinema e televisão ou o apoio de empresas para financiar o projeto. ■

Religião não rima com intolerância

Por: José de Paiva Netto, escritor, jornalista, radialista, compositor e poeta.

É diretor presidente da Legião da Boa Vontade

Em 21 de janeiro, celebrou-se o Dia Mundial da Religião. Na “Folha de S.Paulo”, década de 1980, argüido por um leitor, ponderei que não vejo religião como ringues de luta livre, nos quais as muitas crenças se violentam no ataque ou na defesa de princípios, ou de Deus, que é amor e que, por isso, não pode aprovar manifestações de ódio em Seu Santo Nome nem precisa da defesa raivosa de quem quer que seja. Alziro Zarur (1914-1979) dizia que “o maior criminoso do mundo é aquele que prega o ódio em nome de Deus”.

Compreendo religião como solidariedade, respeito à vida, iluminação do espírito, que todos somos. Só posso entendê-la como algo dinâmico, vivo, pragmático, altruisticamente realizador, que abre caminhos de luz nas almas e que, por essa razão, deve estar na vanguarda ética. Não a entenderia, se não atuasse também de modo sensato na transformação das realidades tristes que ainda atormentam os povos.

Esses, cada vez mais, andam necessitados de Deus, que é antídoto para os males espirituais e morais, por consequência os sociais, incluídos o imobilismo, o sectarismo e a intolerância degeneradores, que obscurecem o Espírito das multidões. (...) E, de maneira alguma, deve-se excluir os ateus de qualquer providência que venha beneficiar o mundo.

Religião é para tornar o ser humano melhor, integrando-o no seu Criador, pelo exercício da fraternidade e da justiça entre as Suas criaturas. Com apurado senso de oportunidade, preconiza o Profeta Maomé, no Corão Sagrado: “Cremos no que nos foi revelado e no que vos foi revelado. Nossa Deus e vosso Deus é o mesmo. A Ele nos submetemos”.

Deus, Sabedoria e Entendimento

O Pai Celestial é fonte inesgotável de sabedoria e entendimento, quando

não analisado sob forma estereotipada ou caricaturada. Vem-me à lembrança estas palavras de Santa Teresa de Ávila (1515-1582): “Procuremos sempre olhar as virtudes e as coisas boas que virmos nos outros e tapar-lhes os defeitos com os nossos grandes pecados”.

Tudo evolui. Ontem se afirmava que a Terra seria o centro do Universo. Por que então as crenças teriam de parar no tempo? Pelo contrário, religião, quando sinônimo de misericórdia, tem de iluminar harmoniosamente os demais extratos do pensamento. Bem a propósito, esta meditação do nada menos que cético Voltaire (1694-1778): “A tolerância é tão necessária na política como na religião. Só o orgulho é intolerante”. (...).

Para amainar a frieza de coração

Cabe ainda recordar esta máxima abrangente de Zarur: “Religião, fi-

losofia, ciência e política são quatro aspectos da mesma verdade, que é Deus”.

Ora, querer conservar esses ramos do saber universal confinados em departamentos estanques, ou em preconceituoso conflito, tem sido a origem de muitos males que nos afigem, em especial tratando-se de religião, entendida no mais alto sentido. É principalmente de sua área que deve provir o espírito solidário, que, se às demais faltando, resulta na frieza de sentimentos a qual vem caracterizando as relações humanas, mormente nestes últimos tempos.

Educação com espiritualidade ecumênica

A ausência de fraternidade tem suscitado grande defasagem entre progresso material e amadurecimento moral e espiritual. Mas é sempre hora de aplacar ressentimentos. Entretanto, não haverá paz enquanto persistirem cruéis discriminações e desniveis sociais criminosos, provocados pela ganância, que, por meio de eficiente educação com espiritualidade ecumênica, devemos comba-



Paiva Netto

ter. Se não optarmos por caminhos semelhantes, estaremos sentenciados à realidade denunciada pelo Gandhi (1869-1948): “Olho por olho, e a humanidade acabará cega”.

Sempre um bom termo pode surgir quando os indivíduos nele lealmente se empenham. E isso tem feito que a civilização, pelo menos o que temos visto por aí como tal, milagrosamente sobreviva aos seus piores tempos de loucura. A sabedoria do “Talmud” dá o seu recado prático: “A paz é para o mundo o que o fermento é para a massa”. Exato.

Há quem prefira referir-se ao espí-

rito religioso, exaltando desvios patológicos ocorridos no transcorrer dos milênios. (De modo algum incluo nestes comentários os historiadores e analistas de bom senso). Creio que essa conduta beligerante, que manchou de sangue a História, deva ser distanciada de nossos corações, por força de atos justos, porquanto maiores são as razões que nos devem confraternizar do que as que servem para acirrar rancores. O ódio é arma voltada contra o peito de quem odeia.

Muito oportuna, então, esta advertência do Pastor Martin Luther King (1929-1968), que não negou a própria vida aos ideais que defendeu: “Aprendemos a voar como os pássaros e a nadar como os peixes, mas não a arte de conviver como irmãos”.

O milagre que Deus espera dos seres humanos é que aprendam a amar-se, para que não ensandeçam de vez, como na pesquisa para o uso bélico da antimateria.

O melhor altar para a veneração do Criador são suas criaturas. Torna-se urgente que a Humanidade tenha humanidade. ■

O Irã talvez seja hoje o mais sensível “hot spot” internacional pelas imprevisíveis consequências do agravamento da crise com os EUA. A decisão do Governo do Irã de manter seu programa nuclear e levar adiante atividades de enriquecimento e reprocessamento de urânio, o que na prática, daria à Teerã o domínio do ciclo nuclear e a capacidade de produzir bombas nucleares, foi contestada pelos EUA, com base na violação do Tratado de Não Proliferação (TNP) e na ameaça à segurança da região.

Os EUA insistem na aplicação de sanções, mas a Rússia e a China não deverão apoiá-las. Na tentativa de evitar a escalada da crise, a UE solicitou conversações adicionais com Teerã, deixando Washington isolado.

Dificilmente, porém, as sanções da ONU ou a suspensão de algumas negociações comerciais com a Europa e o Japão poderão convencer Teerã a suspender o processo de enriquecimento de urânio.

A maior e mais imediata preocupação

dor de petróleo na Ásia. A liderança civil e religiosa iraniana tem enfatizado o direito inalienável de desenvolver o programa nuclear. Com isso, busca reforçar sua própria legitimidade, estimular o sentimento nacionalista e mostrar o grau de desenvolvimento industrial e tecnológico. O programa visa também a ser percebido como uma opção de dissuasão contra adversários nucleares, como os EUA e Israel.

A crescente influência iraniana, sobretudo no Iraque e no Líbano, despertou preocupação nas capitais árabes de maioria sunita. A retórica anti-Israel, que objetiva ganhar respaldo para o Irã entre a opinião pública árabe, preocupa Tel Aviv e por conseguinte Washington. Indo além do Oriente Médio, o Irã se coloca como um campeão das nações em desenvolvimento e construiu fortes laços com a Índia, a China e a Venezuela.

Irã e a crise no grande Oriente Médio

Por: Rubens Barbosa, consultor, presidente do Conselho Superior de Comércio Exterior da Fiesp, foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos e Grã-Bretanha

do Irã é a de sustar um ataque militar contra as instalações nucleares por parte dos EUA ou de Israel e evitar que o Conselho de Segurança decida impor sanções.

Com uma visão de longo prazo, o Irã se apresenta como uma potência regional e como o grande fornece-

Tendo em mente o precedente aberto no TNP pelos EUA ao reconhecer a Índia como potência nuclear, apoiando-a técnica e politicamente, o Irã recusou aceitar qualquer pré-condição para iniciar conversações sobre a suspensão de seu programa nuclear.

Apesar de tudo isso, Teerã tem procurado evitar uma confrontação militar com Israel ou com os EUA e permanecer dentro dos limites do TNP, apesar das repetidas ameaças de se retirar do regime de não proliferação.

Ao anunciar, em março passado, a atualização de sua Estratégia de Segurança Nacional, reiterando a política de ataques preventivos e preventivo “confrontação” com o Irã, caso os esforços diplomáticos não convençam o país a abrir mão do programa nuclear, Bush adotou uma linguagem mais dura do que a utilizada em setembro de 2002 em relação ao Iraque. Mais recentemente, no inicio de setembro, ao divulgar a nova Estratégia Nacional para combater o terrorismo, Bush elevou o tom, referindo-se aos fascistas islâmicos e comparando a ameaça dos líderes iranianos com o perigo representado pelos terroristas da rede Al-Qaeda. Os EUA não tolerarão essa situação, afirmou Bush. Na percepção do atual governo de Washington, a luta entre Israel – for-



Rubens Barbosa

temente apoiado pelos EUA – e o Hesbollah – respaldada pelo Irã - é uma guerra indireta entre os EUA e o regime teocrático de Teerã, visto por Bush como a ameaça mais séria à estabilidade na região e aos interesses estratégicos dos EUA.

Não parece possível um ataque preventivo norte-americano, nem uma tentativa de mudar o regime iraniano, como ocorreu no Iraque, dado o atual engajamento militar dos EUA em mais de um cenário de guerra. A possibilidade de um ataque cirúrgico às instalações nucleares iranianas, como fez Israel em 1985 no Iraque, contudo, está sendo discutida abertamente em Washington. Embora, sendo altamente improvável

que todas as instalações (algumas subterrâneas) sejam destruídas na hipótese de um ataque, as consequências militares, políticas, econômicas certamente são imprevisíveis.

“Nunca descarte no Irã a opção mais irracional, pois a escolhida pode ser ela”, ouvi de um diplomata.

Caso se fortaleça a percepção de que o programa nuclear iraniano levará à construção de artefato nuclear, ameaçando concretamente Israel, os EUA não hesitarão em atacar com mísseis de alta precisão as instalações nucleares no Irã, apesar de vozes moderadas ou realistas verem um eventual ataque preventivo como um ato contrário aos interesses maiores dos EUA. ■

preciso cantar

Por: José Vicente, presidente da Afrobras e Reitor da Unipalmares

O Carnaval - uma das maiores manifestações culturais do Brasil e, segundo muitos advogam, um dos grandes acontecimentos mundiais, reúne ingredientes que entram no rol de temas como futebol e religião, possibilitando muitos palpites e pouca explicação.

Afinal, como explicar que durante dias - na Bahia semanas - todo País se volte para dançar e pular sobre ritmos alucinantes de tambores e trios elétricos nas ruas e salões? Ricos, pobres, católicos, protestantes, negros e brancos, humildes e poderosos; enfim, todos pulando no mesmo caldeirão...

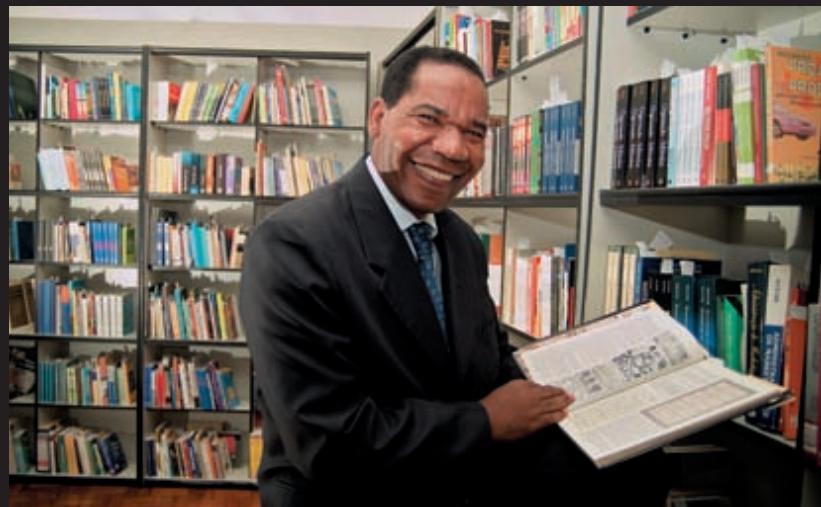
Um ano todo desfiado no passo do passista, na alegoria da porta-bandeira, na voz potente do menestrel. Uma onda humana sobre o asfalto repetindo diversos versos tentando brilhar mais do que uma constelação.

Mistura de gente, mistura de sonhos, de mistério, de sangue, de corações.

E as fantasias expõem o íntimo ou camuflam o exterior? Afinal o que é real no Carnaval? É mesmo alegria incontida ou manifestos explosivos?

E, porque tudo tem que acabar na quarta-feira?

E como explicar a indústria do Carnaval de milhões e milhões de reais que escorre por um labirinto inexpugnável? E, o exército de homens



José Vicente

e mulheres simples que realizam de forma solidária e voluntária um espetáculo de magias inarráveis?. De onde vem a alegria, a inspiração, a capacidade de criação? Quem é o Deus escondido debaixo de cada panteão cuja devoção desanca a penúria, a tristeza e a desilusão?

Deixando de lado as especulações, o fato concreto é que estamos no Carnaval. As escolas de samba estarão nas avenidas, os blocos e os trios elétricos estarão nas ruas, e os salões estarão salpicados de serpentinas. Todos os brasileiros serão transformados em súditos e por quatro dias seremos governados pela realeza na figura robusta de sua excelência, o Rei Momo.

No cadenciado do surdo ou no ritmo frenético da guitarra, nas praças públicas ou grudados nas televisões, estaremos lá embriagados de alegria ou embriagados com a alegria dos foliões. O Brasil acordará preguiçosamente do porre na quarta-feira mais leve e mais solto, com a alma lavada pela folia e pronto para a realidade de todos demais dias do ano.

Sem explicação racional que convença, melhor mesmo é socorrer-se nos especialistas da alma. Fiquemos com o maior de todos eles, Vinicius de Moraes : "E no entanto é preciso cantar, mas que nunca é preciso cantar, é preciso cantar e alegrar a cidade." ■

11

TEVE UMA BLITZ. FUI A ÚNICA A SER REVISTADA.

15



Foto: Rodrigo Lopes

Onde
você guarda
o seu
racismo?

INTEGRANTE DA:



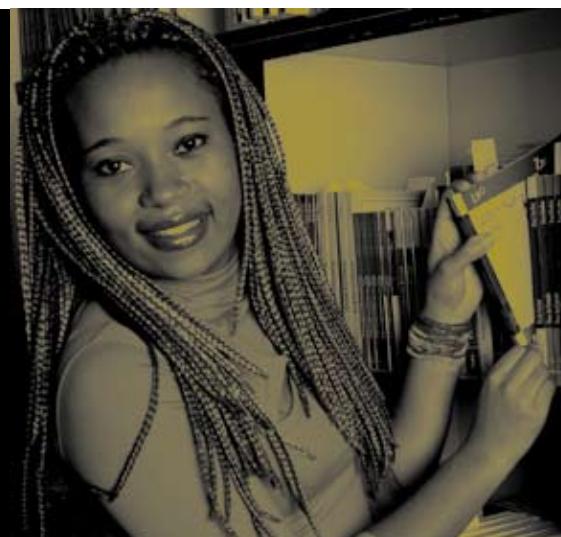
APOIO:



DIÁLOGOS
contra o racismo
[Pela igualdade racial]

AS SUAS ESCOLHAS REFLETSEM QUEM VOCÊ É. ESCOLHA DIVERSIDADE. ESCOLHA UNIPALMARES.

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é a primeira instituição de ensino superior voltada para a inclusão do negro na América Latina, uma proposta inédita que tem conquistado o respeito e a atenção de todo o país. É uma universidade completa, diferente de todas as outras, que reserva 50% das suas vagas para negros, e assim promove o diálogo, a reflexão e a integração. Uma ideia que nasce da crença de que o ser humano pode viver em harmonia e equilíbrio e que o desenvolvimento do Brasil passa, necessariamente, pela Educação de seus cidadãos, em especial aqueles historicamente excluídos. Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Inscreve-se no Vestibular 2007 e viva a diferença.



Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares
Rua Washington Luís, 236 - Luz - Tel.: (11) 3313-8701
www.unipalmares.org.br

Realização: Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural